

Número 250  
Outubro 2022

# ARAUTOS DO EVANGELHO



*“Vem e segue-Me”*



Cursos On-line de

# Catequese para crianças



*Disse-lhes Jesus: “Deixai vir a Mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o Reino dos Céus é para aqueles que se lhes assemelham”.*

Mt 19, 14

O dia a dia de uma criança, assim como o de um adulto, é cheio de “problemas”: dificuldades em casa, na escola, com os amiguinhos, com os primos, nos estudos, etc. Situações verdadeiramente difíceis, que muitas vezes uma criança não consegue resolver.

Na maioria de todos esses “casos complicados”, mesmo em qualquer idade, esquecemos de recorrer Àquele que tudo sabe e governa: Deus, nosso Pai. Uma das razões talvez seja que muitas vezes não sabemos nem sequer responder a uma pergunta tão simples: “Quem é Deus?”

Aí se faz necessária uma sólida base catequética na vida de todos nós cristãos!

Convidamos você a conhecer o **conjunto de cursos on-line de catequese para crianças** que a plataforma de formação dos Arautos do Evangelho reuniu.



**Acesse já e inscreva-se!**

[WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG](http://WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG)



ISSN 1982-3193

**Revista de cultura  
e inspiração católica  
publicada por:**

Associação Brasileira  
Arautos do Evangelho  
CNPJ: 03.988.329/0001-09  
www.arautos.org.br

**Diretor Responsável:**  
Mario Luiz Valerio Kühl

**Conselho de Redação:**  
Severiano Antonio de Oliveira;  
Silvia Gabriela Panez;  
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

**Administração**  
Rua Diogo de Brito, 41  
02460-110 - São Paulo - SP  
admrevista@arautos.org.br

**ASSINATURA E**

**ATENDIMENTO AO ASSINANTE:**  
(11) 2971-9050  
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

**Assinatura e Participação**

**Assinante** (anual): ..... R\$ 204,00 únicos

**Participante** (por tempo indeterminado):

Colaborador..... R\$ 40,00 mensais

Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais

Grande Benfeitor ..... R\$ 60,00 mensais

**Exemplar avulso** ..... R\$ 17,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.



Este produto é impresso na PLURAL - uma empresa comprometida com o meio ambiente e com a sociedade, oferece produtos com o selo FSC, garantia de manejo florestal responsável.



**Impressão e acabamento:**  
Plural Indústria Gráfica Ltda.

Av. Marcos Pentead de Ulhoa Rodrigues, 700  
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

# SUMÁRIO

Escrevem os leitores ..... 4

Caminho,  
desvio e atalho (Editorial) ..... 5



A voz dos Papas –  
Coesão na diversidade

6



Comentário ao Evangelho –  
Não há fé sem justiça

8



“Vem e segue-Me”:  
ideal de todo cristão

16



A devoção eucarística de  
São Tomás de Aquino –  
Lição viva da Teologia

20



Gabriel-Antoine Mossier –  
Um soldado de Maria

22



Deus quer conviver  
conosco!

26



Chamado a prestar  
grandes serviços  
à Igreja

28



Santa Edwiges – Destinada  
ao combate e à vitória

32



Servo de Deus Marcel  
Van, CSsR – Apóstolo do  
amor no Vietnã

36



Inocência  
por toda a vida

40



Arautos no mundo

42



Aconteceu na Igreja e  
no mundo

44



História para crianças... –  
Correio angélico

46



Os Santos de  
cada dia

48



Mais vale o conjunto

50



**Revista Arautos do Evangelho online**

Tenha acesso ao conteúdo  
da revista diretamente  
de seu celular.

Acesse: [revista.arautos.org](http://revista.arautos.org)



# ESCREVEM OS LEITORES



## COMENTÁRIOS AO EVANGELHO INSPIRADOS

Mons. João é sempre claro, objetivo e didático em suas colocações sobre os Santos Evangelhos. São páginas quase escritas por mão de Anjo, de tanta delicadeza e precisão.

Inspiradíssimo!

*Cleiton Matias*  
Via [revista.arautos.org](http://revista.arautos.org)

## "NOBREMENTE SACRAL"

A Revista do mês de agosto está toda magnífica. Mas o artigo *Nobremente sacral* é uma maravilha! De fato, ainda hoje as melhores bibliotecas, das universidades mais famosas do mundo, procuram manter um ambiente de recolhimento confortável mais para o espírito do que para o corpo. E esse deve ser realmente o propósito de uma leitura ou consulta. Meus cumprimentos, Ir. Lorena!

*José Antonio Borda Gómez*  
Bogotá – Colômbia

## INCANSÁVEIS EM FAZER O BEM E DIFUNDIR AS VERDADES DA SANTA IGREJA

A revista *Arautos do Evangelho* é uma verdadeira graça para toda a família! Conteúdo riquíssimo, com temas que elevam a nossa alma ao Céu! Até os temas infantis atraem os adultos, porque tudo é feito com muito primor.

O que dizer da edição de agosto último? O título não poderia ser mais belo: *Ideal de unir o Céu e a terra*. Esta união de Céu e terra é para o que rezamos, há dois milênios, na oração do Pai-Nosso: “Venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu”. Vemos

que este ideal foi colocado em nossos corações pelo próprio Nosso Senhor Jesus Cristo, mas está de modo pleno e fulgurante no coração de Mons. João. Ele e os Arautos do Evangelho são sempre incansáveis em fazer o bem às almas e em difundir as verdades da Santa Igreja a todos os povos, fazendo isto especialmente pelo esplendor da beleza e da sacralidade, através de suas ações e de seu modo de vida.

Sabemos que o mundo está cheio de feiura e de caos, onde tudo parece perdido... É nítido, porém, que Deus sempre suscita um homem providencial para cada época da História. Ele nunca abandona a humanidade! E olhando para Mons. João, vemos nele este homem providencial e, mais ainda, vemos, como afirmou o Cardeal Franc Rodé, que ele pertence à “estirpe dos heróis e dos Santos”!

*Silmara Rodrigues*  
Via [revista.arautos.org](http://revista.arautos.org)

## UM ARTIGO QUE FEZ MUITO BEM

Agradeço pelo artigo *A perfeita obediência* – “*Domine, ut videam*”?, da edição de junho, pois me fez muito bem, já que estou lendo o *Tratado da conformidade com a vontade de Deus*, de Alonso Rodríguez, um belo livro. Obrigada. Peço que rezem por mim, e rezarei por vocês. Que Deus os abençoe.

*Patrícia Lucero*  
Via [revistacatolica.org](http://revistacatolica.org)

## BELA NÃO SÓ PELA APRESENTAÇÃO, MAS TAMBÉM PELO CONTEÚDO

Quero agradecer-lhes por sua Revista, bela não só pela apresentação, mas também pelo conteúdo, que é um tesouro. E dou graças a Deus por ser favorecida com o seu recebimento porque, além de com ela aprender mais, sua leitura me é útil para aproximar-me mais de Deus e ao mesmo

tempo conhecer um santo em vida, como o é Mons. João. Obrigada e que Deus continue a iluminá-los para que continuem a nos guiar.

*María Antonieta Bocanegra Osorio*  
Trujillo – Peru

## LITURGIA QUE INSPIRA OS CANTOS NA IGREJA

Lindo site, o da Revista! Inspirados comentários!

Sou músico da Igreja e sempre consulto a Liturgia para ajudar meu grupo na escolha dos cantos.

*Dirceu Lelis de Moura*  
Via [revista.arautos.org](http://revista.arautos.org)

## NATIVIDADE DE SÃO JOÃO BATISTA

Da leitura do artigo sobre a natividade de São João Batista, intitulado *A força da predestinação eterna*, pode-se traduzir “Divina Providência” por “tempo de Deus”: tudo sucederá no tempo preciso, nem antes, nem depois. Todos vocês são anjos postos a serviço de nossa Santíssima Mãe Celestial, já que uma Rainha tão maravilhosa merece não só o louvor celestial, como também o terreno. Dia virá em que o Céu e a terra se unirão num mesmo clamor, a fim de que nos visite o “Sol” que nasce do alto para iluminar os que vivem nas trevas e nas sombras da morte, para guiar-nos pelo caminho da paz, pelo caminho de Maria.

*Ramiro Fernando Naranjo Plus*  
Via [revistacatolica.org](http://revistacatolica.org)

## EFICAZ INTERCESSÃO DE DONA LUCILIA

Dona Lucilia intercede eficientemente e consegue que sejam feitos milagres! Gostaria de agradecer o quanto ela conseguiu para mim! Duas cirurgias bem-sucedidas: uma de próstata e outra de GIST no duodeno.

*Pedro Penteado de Faria e Silva*  
Via [revista.arautos.org](http://revista.arautos.org)

## CAMINHO, DESVIO E ATALHO

**T**alvez a exortação mais utilizada pelo Salvador foi: “Segue-Me”. Serviu-  
dela não só para chamar os Apóstolos – como Mateus na coletoria de impos-  
tos –, mas também para convidar o moço rico a trilhar uma nova via.

No primeiro caso, o publicano logo se alçou, abandonou a vida pregressa e con-  
vidou Jesus para um banquete. O jovem, por sua vez, preferiu fugir do chamado. O  
seu coração, entregue aos bens terrenos, bloqueou a avenida que conduz à santidade.

Santo Agostinho remarca que existem somente duas vias ou “cidades”: aquela em  
que se ama a Deus até o desprezo de si, e aquela em que se ama a si até o esqueci-  
mento de Deus. Melhor dizendo, há apenas um verdadeiro caminho, a saber, aquele  
que se identifica com o próprio Cristo: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”  
(Jo 14, 6). Todo o resto é desvio.

Há quem sugira que qualquer percurso de vida é válido. Se “todos os caminhos  
conduzem a Roma”, ao final “tudo vai dar certo”... Será?

A objeção a essa postura encontra-se na vida dos Apóstolos. Judas não só traiu o  
Mestre, mas também as suas vias de salvação. De fato, “melhor seria que nunca ti-  
vesse nascido” (Mt 26, 24), sentenciou Jesus. O próprio Pedro, que prometera seguir  
a Cristo por toda parte, mesmo que lhe custasse a vida, O renegou três vezes. Esses  
exemplos ilustram que a Pátria Celeste não está garantida, nem sequer para quem o  
Redentor convocou pessoalmente.

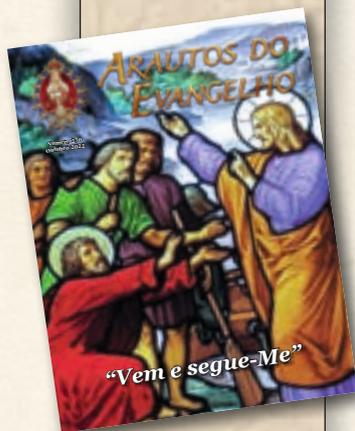
Embora a estrada que leva a Deus seja luminosa (cf. Sl 118, 105; Jo 8, 12), ela não  
exclui a dimensão ascética: “Se alguém quer vir após Mim, renegue-se a si mesmo,  
tome cada dia a sua cruz e siga-Me” (Lc 9, 23). Já o desvio que leva à perdição é largo  
e espaçoso, “e muitos são os que entram por ele” (Mt 7, 13). Parece até reto; todavia,  
“conduz à morte” (Pr 14, 12).

São Paulo não hesita em sublinhar que quem se desvia do chamado individual se-  
gue a Satanás (cf. I Tim 5, 15), bem como suas armadilhas. E a maior delas é a dissi-  
mulação, quando se planta joio no trigal ou se lançam sementes para fora da estrada.

Vale notar que a pior dessas sementes é lançada pelos “falsos profetas”, aque-  
les lobos em pele de ovelhas tantas vezes desmascarados pelo Salvador. São esses  
mesmos – por vezes do alto de púlpitos – que defendem que todos os caminhos são  
válidos. E mais: sem véus, decretam que o inferno está vazio...

Na realidade, como aponta São Bernardo, a consciência pecaminosa já é de si  
um “certo inferno” e um “cárcere da alma” (*De quadriduo Lazari, et praeconio Vir-  
ginis*, n.4). Com efeito, a vida iníqua constitui um inferno começado. Em contra-  
partida, a via da santidade, o caminho da integridade (cf. Pr 10, 9), nos faz prelibar  
a bem-aventurança do Céu.

Maria Santíssima é a melhor companhia para essa viagem. Afinal, Ela já a re-  
alizou de modo perfeito em sua vida e Assunção. Por isso, caro leitor, nada como  
ressoar em teu interior aquelas palavras do Santo de Claraval: “Seguindo-A, não te  
transviarás”. Eis aqui o atalho da salvação. ✧



*Nosso Senhor  
chama os primeiros  
Apóstolos - Igreja  
de Santo André,  
Joigny (França)*

Foto: Nhuan DoDuc



# ***Coesão na diversidade***

A reconciliação efetuada por Deus em Cristo encontra expressão histórica permanente na Igreja. Ela é o centro de irradiação da união dos homens com Deus e da unidade entre eles, que se afirma progressivamente no tempo.

**D**esde suas origens, teve a Igreja consciência da transformação efetuada pela obra redentora de Cristo e dela fez o jubiloso anúncio; por ela o mundo veio a ser uma realidade radicalmente nova (cf. II Cor 5, 17), na qual os homens redescobriram Deus e a esperança (cf. Ef 2, 12), e desde então tornaram-se participantes da glória de Deus “por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora recebemos a reconciliação” (Rm 5, 11).

Tal novidade é devida exclusivamente à misericordiosa iniciativa de Deus (cf. II Cor 5, 18-20; Col 1, 20-22), a qual vem ao encontro do homem que, tendo por culpa própria se afastado d’Ele, não podia reencontrar a paz com seu Criador. Essa iniciativa de Deus concretizou-se, ademais, graças a uma intervenção propriamente divina. Com efeito, não Se limitou Ele a nos perdoar, nem quis servir-Se de um homem qualquer como intermediário entre Ele e nós, mas constituiu seu “Filho Unigênito como intercessor de paz”:<sup>1</sup> “Aquele que não tinha conhecido pecado, Deus O fez pecado por nós, para que n’Ele nos tornássemos justiça de Deus” (II Cor 5, 21). De fato, morrendo por nós, Cristo “destruiu a ata redigida contra nós,

cujas disposições nos condenavam, e fê-la desaparecer, cravando-a na Cruz” (Col 2, 14); e, pela Cruz, nos reconciliou com Deus, “destruindo em Si mesmo a inimidade” (Ef 2, 16).

## ***A Santa Igreja é o sacramento da reconciliação***

A reconciliação efetuada por Deus em Cristo crucificado inscreve-se

*Para serem dignos membros do Corpo de Cristo, todos devem contribuir para mantê-lo como comunidade de reconciliados*

na História do mundo, que enumera desde então entre os seus irreversíveis componentes este fato: Deus Se fez Homem e morreu para salvá-lo. Mas ela encontra expressão histórica permanente no Corpo de Cristo, que é a Igreja, na qual o Filho de Deus convoca “seus irmãos de todas as nações”<sup>2</sup> e, enquanto sua Cabeça (cf. Col 1, 18),

é o princípio de autoridade e de ação que a constitui sobre a terra como o “mundo reconciliado”.<sup>3</sup>

Porque a Igreja é o Corpo de Cristo, e Cristo é “o Salvador de seu Corpo” (Ef 5, 23), devem todos, para serem dignos membros desse Corpo e por fidelidade ao compromisso de cristão, contribuir para mantê-lo na sua natureza original de comunidade de reconciliados, derivante de Cristo nossa paz (cf. Ef 2, 14) que “nos estabeleceu na paz”.<sup>4</sup> [...]

E como a reconciliação encontra privilegiada expressão e mais densa concentração na Igreja, esta é “como que um sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”;<sup>5</sup> em outros termos, é o centro de irradiação da união dos homens com Deus e da unidade entre eles, centro que, afirmando-se progressivamente no tempo, se completará na consumação dos séculos. [...]

## ***Correção fraterna: estímulo à santidade***

Essa abertura para os outros, apoiada pela vontade de compreender e pela capacidade de renunciar, tornará estável e ordenadamente operante aquele ato de caridade prescrito pelo Senhor, que é a correção fraterna (cf. Mt 18, 15). Visto que esta pode



Retrato oficial de Paulo VI, tirado no início da década de 1960

ser feita por todo fiel a qualquer irmão na Fé, pode ela ser o meio normal de remediar não poucas dissensões ou mesmo impedir o seu surgimento.<sup>6</sup> Por sua vez, ela impele quem a faz a tirar a trave do próprio olho (cf. Mt 7, 5), para que não seja desvirtuada a ordem da correção.<sup>7</sup>

Portanto, a prática da correção fraterna se resume num princípio de caminhada rumo à santidade, única que pode dar à reconciliação sua plenitude; não consiste esta numa pacificação oportunista que camuflaria a pior das inimizades,<sup>8</sup> mas sim na conversão interior e no amor unificante em Cristo que dela deriva, e que se efetua sobretudo no Sacramento da Reconciliação, a Penitência, pela qual os fiéis “recebem da misericórdia de Deus o perdão das ofensas a Ele feitas e ao mesmo

tempo se reconciliam com a Igreja, ferida por seu pecado”,<sup>9</sup> desde que “este [...] Sacramento de salvação [...] deite raízes em toda a sua vida e os estimule a um mais ardoroso serviço a Deus e aos irmãos”.<sup>10</sup>

### *A coesão eclesial na diversidade de vocações*

Entretanto, “no trabalho de edificação do Corpo de Cristo, há igualmente uma diversidade de membros e de funções”,<sup>11</sup> e essa diversidade provoca inevitáveis tensões. Pode-se constatar inclusive entre os Santos, mas “não dessas que eliminam a concórdia, que suprimem a caridade”.<sup>12</sup> Como impedir que elas degenerem em divisões? É dessa própria diversidade de pessoas e de funções que decorre o firme princípio de coesão eclesial. Com efeito, uma componente primordial e insubstituível dessa diversidade são os pastores da Igreja, enviados por Cristo como seus embaixadores junto aos outros fiéis, dotados para isso de uma autoridade que, trans-

cedendo as posições e opções dos indivíduos, unifica-os todos na integridade do Evangelho, que é precisamente a “palavra da reconciliação” (II Cor 5, 19). [...]

Que os sagrados pastores, do mesmo modo como representam visível e eminentemente o próprio Cristo e agem em lugar d’Ele,<sup>13</sup> assim também O imitem e infundam no povo de Deus o amor com o qual Ele Se imolou: “Amou a Igreja e por ela Se entregou” (Ef 5, 25). E esse renovado amor sirva de eficaz exemplo para os fiéis, primordialmente para os sacerdotes e religiosos que tenham falhado nas exigências de seu ministério e de sua vocação, de modo que todos na Igreja, com “um só coração e uma só alma” (At 4, 32), se empenhem novamente em “propagar o Evangelho da paz” (Ef 6, 15).

A Igreja, nossa mãe, considera com tristeza a deserção de certos filhos seus elevados ao sacerdócio ministerial ou, a outro título particular, consagrados ao serviço de Deus e dos irmãos. Sente, entretanto, alívio e alegria pela generosa perseverança de todos aqueles que permaneceram fiéis ao seu compromisso com Cristo e com ela mesma. E, sustentada e confortada pelos méritos dessa multidão, deseja ela transformar a dor que lhe foi infligida num amor que pode compreender tudo e, em Cristo, perdoar tudo. ✧

Excertos de: SÃO PAULO VI.  
*Paterna cum benevolentia,*  
8/12/1974 - Tradução:  
Arautos do Evangelho

*Da diversidade de pessoas e de funções na Igreja, que não suprime a concórdia nem a caridade, decorre o princípio da coesão eclesial*

<sup>1</sup> TEODORETO DE CIRO. *Interpret. Epist. II ad Cor.:* PG 82, 411.

<sup>2</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.7.

<sup>3</sup> SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. *Sermo 96*, 7, 8: PL 38, 588.

<sup>4</sup> SÃO JERÔNIMO. *In Epistolam ad Ephesios*, 1, 2: PL 26, 504.

<sup>5</sup> CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., n.1.

<sup>6</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica. II-II*, q.33, a.4.

<sup>7</sup> Cf. SÃO BOAVENTURA. *In IV Sent.*, dist.19, dub.4.

<sup>8</sup> Cf. SÃO JERÔNIMO. *Contra pelagianos*, 2, 11: PL 23, 546.

<sup>9</sup> CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., n.11.

<sup>10</sup> ORDO PENITENTIAE. *Prænotanda*, n.7.

<sup>11</sup> CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., n.7.

<sup>12</sup> SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. *Enarrationes in Psalmos*, 33, 19: PL 36, 318.

<sup>13</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II, op. cit., n.21.



G.Freihalter (CC BY-SA 3.0)

Jesus pregando às multidões - Igreja de São Gomário de Lier, Antuérpia (Bélgica)

## EVANGELHO

Naquele tempo: <sup>1</sup>Jesus contou aos discípulos uma parábola, para mostrar-lhes a necessidade de rezar sempre, e nunca desistir, dizendo: <sup>2</sup>“Numa cidade havia um juiz que não temia a Deus, e não respeitava homem algum. <sup>3</sup>Na mesma cidade havia uma viúva, que vinha à procura do juiz, pedindo:

‘Faze-me justiça contra o meu adversário!’ <sup>4</sup>Durante muito tempo, o juiz se recusou. Por fim, ele pensou: ‘Eu não temo a Deus, e não respeito homem algum. <sup>5</sup>Mas esta viúva já me está aborrecendo. Vou fazer-lhe justiça, para que ela não venha a agredir-me!’” <sup>6</sup>E o Senhor acrescentou: “Escu-

tai o que diz este juiz injusto. <sup>7</sup>E Deus, não fará justiça aos seus escolhidos, que dia e noite gritam por Ele? Será que vai fazê-los esperar? <sup>8</sup>Eu vos digo que Deus lhes fará justiça bem depressa. Mas o Filho do Homem, quando vier, será que ainda vai encontrar fé sobre a terra?” (Lc 18, 1-8).

# Não há fé sem justiça

Na parábola do juiz iníquo, o Divino Mestre nos indica a misteriosa relação existente entre a virtude da fé e o senso de justiça. Com efeito, a santa violência na oração corresponde ao zelo pela glória de Deus.



✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

## I – O EVANGELHO DA ORAÇÃO

Entre os quatro Evangelistas, São Lucas destaca por realçar de contínuo o papel fundamental da oração na vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e em seus ensinamentos.

Ele nos transmite a máxima divina que abre o Evangelho de hoje, segundo a qual devemos “rezar sempre, e nunca desistir” (Lc 18, 1). Sublinha, ademais, o fato de Nosso Senhor estar em oração antes do Batismo no Jordão, detalhe omitido pelos outros Evangelistas: “Estando Ele a orar, o Céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre Ele” (Lc 3, 21-22). É o único a referir que, na véspera de escolher os Doze, Jesus passa toda a noite em oração (cf. Lc 6, 12-13), e o mesmo sucede no relato da profissão de fé de São Pedro, no qual só ele menciona que o Salvador eleva preces ao Pai antes de interrogar os discípulos sobre sua própria identidade (cf. Lc 9, 18-20).

São Lucas também destaca, à diferença dos demais Evangelistas, o relevante pormenor de que Jesus reza imediatamente antes da Transfiguração (cf. Lc 9, 28-29), pois havia Se retirado ao monte com Pedro, Tiago e João a fim de lá implorar graças especiais.

Em sua narração, o Divino Mestre reza quando os discípulos voltam exultantes da missão (cf. Lc 10, 17.21-22) e o faz de novo antes de lhes ensinar o Pai-Nosso (cf. Lc 11, 1a). Cabe salientar o motivo pelo qual, segundo o Evangelista, Jesus

transmite essa sublime prece aos seus seguidores. Eles haviam ficado maravilhados com a atitude orante do Senhor e, por isso, Lhe pediram: “Ensina-nos a rezar, como também João ensinou a seus discípulos” (Lc 11, 1b).

Conforme a pluma de São Lucas, o Redentor reza para sustentar a fé de São Pedro antes da Crucifixão: “Eu roguei por ti, para que a tua confiança não desfaleça; e tu, por tua vez, confirma os teus irmãos” (Lc 22, 32). Da mesma forma, durante a Paixão o Cordeiro Imolado eleva súplicas por seus inimigos (cf. Lc 23, 34), e reza no momento da morte, exclamando com voz forte: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46).

É de se notar ainda, com profunda emoção, que a primeira e a última palavra pronunciadas por Jesus no terceiro Evangelho referem-se ao Padre Eterno. No episódio da perda e encontro no Templo, o Menino Jesus responde à sua Mãe: “Não sabeis que devo ocupar-Me das coisas de meu Pai?” (Lc 2, 49). E no alto da Cruz, antes de expirar, o Salvador dirige-Se ao Pai com uma ternura em extremo tocante, usando as palavras que encerram o parágrafo anterior.

Por fim, é o santo médico quem nos ensina a necessidade de rezar com insistência, mediante a parábola do homem que pede os pães ao vizinho em horário inoportuno. Nessa ocasião Nosso Senhor afirma: “Pedi, e vos será dado; buscai, e achareis; batei, e vos será aberta” (Lc 11, 9); “Se vós, pois,

*Em seu Evangelho, São Lucas realça o papel fundamental da oração na vida e nos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo*

*Ao longo de toda a vida pública, Nosso Senhor deu-nos exemplo de como devemos rezar sempre, sem nunca desistir*

sendo maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai Celestial dará o Espírito Santo aos que Lho pedirem” (Lc 11, 13). O mesmo Evangelista narra ainda o episódio de Marta e Maria, realçando a superioridade da contemplação sobre a ação (cf. Lc 10, 38-42).

São Lucas tenciona, assim, promover o espírito de oração em seus leitores, registrando para todo o sempre e com especial cuidado as afirmações de Nosso Senhor que dizem respeito a esse assunto de capital importância. Sem tal imposição é impossível permanecer vigilantes e estar preparados para o dia supremo do encontro com o Esposo que vem de improviso celebrar o banquete de núpcias.

A oração é, portanto, uma questão vital e gravíssima para cada batizado. Sem praticá-la como Deus quer, ninguém pode salvar-se; pelo contrário, para quem reza com fé, tudo se torna possível.

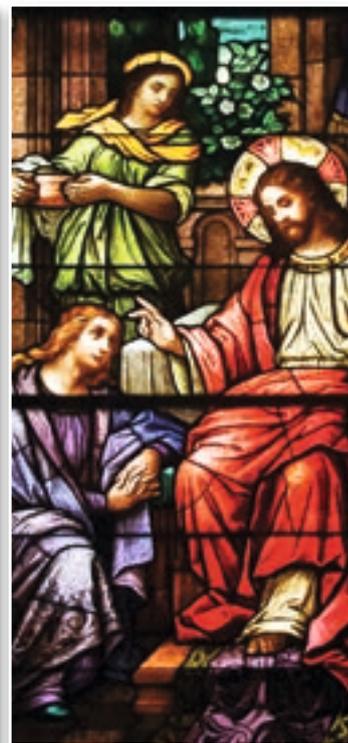
## II – A PARÁBOLA DA INSISTÊNCIA CONFIANTE

A parábola que nos é proposta pela Liturgia neste 29º Domingo do Tempo Comum possui

uma riqueza de conteúdo explorada de forma profícua ao longo dos séculos pelos Padres e Doutores da Igreja, mas quiçá ela adquira um sentido ainda mais crucial em nossa época.

São João Crisóstomo<sup>1</sup> nos ensina que, por bondade, Deus quer nos conceder sua graça; é, contudo, vontade d’Ele que a recebamos pela oração. Santo Agostinho<sup>2</sup> explica ser a parábola do juiz iníquo um exemplo baseado não na semelhança, mas na oposição: a malícia do magistrado, que faz justiça apenas para deixar de ser importunado, opõe-se diametralmente à benevolência divina, inclinada a atender e auxiliar os que suplicam com confiança.

É interessante observar o que a Águia de Hipona comenta a respeito da oração a ser formulada, ou seja, da súplica para que se faça justiça: “Os escolhidos de Deus pedem-Lhe que os vingue, e o mesmo se afirma no Apocalipse de São João sobre os mártires (cf. Ap 6, 10), embora nos seja claramente aconselhado orar por nossos inimigos e perseguidores (cf. Mt 5, 44). Deve-se compreender, portanto, que a vingança reclamada pelos justos é a ruína de todos os maus, a qual se dá de dois modos: voltando à justiça, ou per-



Da esquerda para a direita: Jesus entrega as chaves a São Pedro - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Tampa (Estados Unidos); Batismo de Nosso Senhor - Catedral de Santa Maria, Austin (Estados Unidos); Jesus em casa de Marta e Maria - Igreja de São Vendelino, Saint Henry (Estados Unidos)

Fotos: Angelis David Ferreira

Nheyob (CC by-sa 3.0)

dendo, por meio dos tormentos, o poder que lhes permite agir agora, ao menos de forma provisória, contra os bons”.<sup>3</sup>

São Cirilo, por sua vez, assevera ser alta virtude esquecer os males que nos infligem. Com efeito, olvidar as ofensas constitui uma glória para o cristão. Todavia, ensina o mesmo Santo, é necessário “acorrermos a Deus implorando-Lhe auxílio e clamarmos contra aqueles que rejeitam sua glória”;<sup>4</sup> quando nos deparamos com malfeitores que atentam contra a majestade divina e fazem guerra aos ministros do dogma sagrado.

Encontramos, pois, neste Evangelho um ensinamento por vezes esquecido: a obrigação de clamar a Deus suplicando que faça justiça contra o mal e promova o bem. No inefável cântico do *Magnificat*, Maria Santíssima exulta no Senhor pelo fato de Ele ter ouvido suas ardentíssimas preces, as quais rogavam, como é fácil deduzir, que fosse feita justiça. Para Ela a vinda do Messias, concebido de forma virginal em seu puríssimo seio, constituía um santo revide de Deus, que punha em ordem todas as coisas: “Manifestou o poder do seu braço: desconcertou os corações dos soberbos. Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos” (Lc 1, 51-53).

É nessa chave que devemos perscrutar os tesouros escondidos na parábola contemplada na Liturgia de hoje.

### *A tenaz, assídua e santa insistência*

Naquele tempo: <sup>1</sup>Jesus contou aos discípulos uma parábola, para mostrar-lhes a necessidade de rezar sempre, e nunca desistir, dizendo:

O Divino Mestre quer dotar seus discípulos da arma mais eficaz para o apostolado que deverão empreender nos diversos recantos do universo: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a



Santo Agostinho de Hipona -  
Igreja de Santa Maria,  
Kitchener (Canadá)

Felipe Arcaas

toda criatura” (Mc 16, 15). Qual é essa arma? A prece insistente, assídua e tenaz.

Por isso São Paulo, homem de ardorosa oração, afirma estuante de fé: “Ainda que vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Não são carnis as armas com que lutamos. São poderosas, em Deus, capazes de arrasar fortificações. Nós aniquilamos todo raciocínio e todo orgulho que se levanta contra o conhecimento de Deus, e cativamos todo pensamento e o reduzimos à obediência a Cristo” (II Cor 10, 3-5).

Sim, a oração faz do homem frágil um combatente divino, capaz, como o Apóstolo das Gentes, das mais ousadas e fulgurantes epopeias. Há apenas uma condição para isso: que ele saiba dobrar os joelhos e rezar sempre, sem jamais desistir.

### *Doas figuras antípodas*

<sup>2</sup>“Numa cidade havia um juiz que não temia a Deus, e não respeitava homem algum. <sup>3</sup>Na mesma cidade havia uma viúva, que vinha à procura do juiz, pedindo: ‘Faze-me justiça contra o meu adversário!’”

O juiz e a viúva constituem figuras antípodas. O primeiro possui o poder de decisão sobre a sorte de seu próximo, e o utiliza de forma corrupta e abusiva; trata-se de um soberbo e impiedoso tirano vestido de toga. A segunda é o protótipo da fragilidade pelo fato de, naquela época, ser mulher e ter ficado sozinha no mundo, sem a proteção de seu marido.

Contudo, a força brutal do juiz é contundida pela prece da debilidade: “Faze-me justiça contra o meu adversário!” E, na conclusão da parábola, a fraqueza sairá airosa e vencedora, graças à arma esgrimida: a súplica.

O que pede a viúva? Que lhe seja feita justiça contra o seu adversário. Eis que nos encontramos diante de uma aparente contradição. Não devem os cristãos perdoar seus inimigos? Por que nesse passo Nosso Senhor nos incita a pedir justiça contra os nossos contendedores? Como harmonizar

*A parábola do juiz iníquo nos ensina, segundo os Padres da Igreja, a suplicar a Deus que faça justiça contra o mal*

*Deus espera de seus filhos a mesma atitude da viúva: a santa tenacidade na oração, mediante a qual se manifesta a autenticidade do desejo*

ambas as atitudes? A sabedoria divina tudo entende e explica, como se verá adiante.

### *O poder da insistência*

<sup>4</sup>“Durante muito tempo, o juiz se recusou. Por fim, ele pensou: ‘Eu não temo a Deus, e não respeito homem algum. <sup>5</sup> Mas esta viúva já me está aborrecendo. Vou fazer-lhe justiça, para que ela não venha a agredir-me!’”

Qualquer bom formador sabe explicar a doutrina por meio de figuras e exemplos. Nesse sentido, o Divino Mestre é um pedagogo insuperável, possuidor de um dom absolutamente ímpar para conceber parábolas. Aqui Ele mostra que a recusa do juiz dura um longo período. O texto não o afirma de forma explícita, mas deixa subentendido o papel da insistência perseverante da viúva para que, por fim, o magistrado aceda em atender seu pedido. Tal atitude espera Deus de seus filhos na oração: a santa tenacidade, mediante a qual se manifesta a autenticidade do desejo.

A viúva, porém, não só persistia em seu pedido, como o fazia com força, a ponto de o juiz ter medo de ser agredido por ela. Em relação a Deus, deve-se fazer violência na oração? Nosso Senhor nos ensina que “o Reino dos Céus é arrebatado à força e são os violentos que o conquistam” (Mt 11, 12). E São Paulo narra na

Epístola aos Hebreus que Jesus obteve com rogos ardorosos a sua própria Ressurreição: “Nos dias de sua vida mortal, dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas, Àquele que O podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade” (5, 7).

Como entender, porém, a violência na oração? Evidentemente não se trata de uma reação ante alguma injustiça, como no caso da viúva. Deus é um Pai clementíssimo e seus filhos devem n’Ele confiar com absoluta firmeza. A violência a ser empregada provém da virtude do zelo, que consiste no fervor da caridade. Consu-

midos pelo fogo do amor, e interessados tão só na glória de Deus, os fiéis são movidos a rezar com veemência, como nos ensinam os Santos. A intensidade da oração não diminui em nada o temor reverencial e a confiança filial; pelo contrário, ela resulta de um virtuoso atrevimento, todo feito de respeito e de enlevo.

A esse propósito convém recordar um trecho de uma oração composta por Santo Antônio Maria Claret, suplicando a Nossa Senhora a salvação das almas expostas a riscos tremendos de condenação:

“Ah, [ao ver as almas se precipitarem na perdição] não é possível calar, minha Mãe. [...] Clamarei, gritarei, bradarei ao Céu e à terra, a fim de que seja remediado tão grande mal. Não calarei! E se ficar rouco ou mudo de tanto gritar, levantarei as mãos ao Céu, se eriçarão meus cabelos e baterei os pés no chão para suprir a falta de minha língua.

“Portanto, minha Mãe, desde já começo a falar e a gritar, e recorro a Vós. Sim, a Vós, que sois Mãe de misericórdia: dignai-Vos socorrer-me em tão grande necessidade; não me digais que não podeis, pois sei que na ordem da graça sois onipotente. Dignai-Vos, eu Vos suplico, dar a todos a graça da conversão, pois sem esta nada faríamos, e então enviai-me e vereis como se convertem”.<sup>5</sup>

### *Deus é um Pai justiceiro*

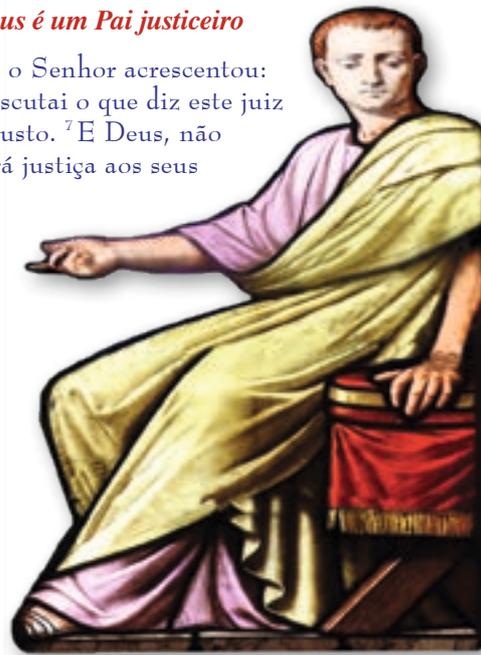
<sup>6</sup> E o Senhor acrescentou: “Escutai o que diz este juiz injusto. <sup>7</sup> E Deus, não fará justiça aos seus

João Paulo Rodrigues



Vitral da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, Belém (PA)

GO69 (CC BY-SA 4.0)



Vitral da Igreja de São Martinho de Tours, Servon-sur-Vilaine (França)



“Adoração do Cordeiro Místico”, por Hubert van Eyck - Catedral de São Bavão, Gante (Bélgica)

escolhidos, que dia e noite gritam por Ele? Será que vai fazê-los esperar? <sup>8a</sup> Eu vos digo que Deus lhes fará justiça bem depressa”.

Nosso Senhor conduz seu auditório rumo ao termo da parábola chamando a atenção para a atitude do iníquo magistrado, resolvido a atender os rogos da viúva: “Escutai o que diz este juiz injusto”. Como se afirmasse: vede que o homem sem escrúpulos, desonesto, brutal e prepotente cede diante das súplicas de uma mulher desvalida.

E continua o Divino Mestre, interrogando os seus ouvintes: “E Deus”, que é o Juiz bom por excelência, “não fará justiça aos seus escolhidos?” Mas quem são os escolhidos? A resposta pode surpreender, mas se deduz facilmente das divinas palavras: são aqueles que gritam por Ele dia e noite!

O contraste se apresenta altamente expressivo. Se até o juiz ímpio atende as súplicas insistentes, como não o fará Aquele que é não somente justo, mas a própria Justiça? Deus agirá em favor de seus eleitos e “bem depressa”!

No Apocalipse de São João, essa doutrina evangélica encontra-se expressa de modo excelso:

“Quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos homens imolados por causa

da Palavra de Deus e por causa do testemunho de que eram depositários. E clamavam em alta voz, dizendo: ‘Até quando Tu, que és o Senhor, o Santo, o Verdadeiro, ficarás sem fazer justiça e sem vingar o nosso sangue contra os habitantes da terra?’ Foi então dada a cada um deles uma veste branca, e foi-lhes dito que aguardassem ainda um pouco, até que se completasse o número dos companheiros de serviço e irmãos que estavam com eles para serem mortos.

“Depois vi o Cordeiro abrir o sexto selo; e sobreveio então um grande terremoto. O Sol se escureceu como um tecido de crina, a Lua tornou-se toda vermelha como sangue e as estrelas do céu caíram na terra, como frutos verdes que caem da figueira agitada por forte ventania. O céu desapareceu como um pedaço de papel que se enrola e todos os montes e ilhas foram tirados dos seus lugares. Então os reis da terra, os grandes, os chefes, os ricos, os poderosos, todos, tanto escravos como livres, esconderam-se nas cavernas e grutas das montanhas. E diziam às montanhas e aos rochedos: ‘Caí sobre nós e escondi-nos da face d’Aquele que está sentado no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o Grande Dia da sua ira, e quem poderá subsistir?’ (6, 9-17).

*As almas dos justos clamam diante do Cordeiro: “Até quando Tu, que és o Senhor, o Santo, o Verdadeiro, ficarás sem fazer justiça?”*

*O fim dos tempos, que precederá a vinda de Cristo, bem poderá se caracterizar pelo mutismo dos bons, pela passividade diante da torrente dos pecados*

### *Misteriosa relação entre a fé e a justiça*

<sup>8b</sup> “Mas o Filho do Homem, quando vier, será que ainda vai encontrar fé sobre a terra?”

Este versículo se reveste de certo mistério. Parece ele estabelecer uma relação direta entre a fé e o senso de justiça, vivaz no espírito da viúva da parábola, mas quão amortecido, *hélas*, em nossos tempos. São Paulo ensina, com clareza meridiana, a necessidade de os cristãos serem imunes ao espírito do mundo, pervertido pelas influências do príncipe dos infernos:

“Que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunidade entre a luz e as trevas? Que compatibilidade pode haver entre Cristo e Belial? Ou que acordo entre o fiel e o infiel? Como conciliar o Templo de Deus e os ídolos? Porque somos o templo do Deus vivo, como o próprio Deus disse: ‘Eu habitarei e andarei entre eles, e serei o seu Deus e eles serão o meu povo’ (Lv 26, 11-12). Portanto, saí do meio deles e separai-vos, diz o Senhor. Não toqueis no que é impuro, e vos receberei. Serei para vós um Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso” (II Cor 6, 14-18).

Assim como o povo judeu viu-se livre das correntes da escravidão aos egípcios mediante o glorioso êxodo, assim os cristãos devem abandonar o neopaganismo hodierno, não necessariamente se deslocando a paragens solitárias, mas procurando permanecer fiéis à verdade, ao bem e à beleza, em suma, imunes ao contágio do relativismo, da libertinagem e do prosaísmo de nossos dias.

Para quem vive na luta por conservar a própria inocência num ambiente maculado, a degradação moral causa dor profunda e reta indignação pelo que ela tem de injurioso e agressivo contra a ordem estabelecida pelo Criador. Desse modo, esses soldados de Cristo devem voltar-

-se para o Deus das vinganças e, com reverente violência, elevar preces suplicando que seja feita justiça.

Compreendemos, pois, como é terrível a lepra da confusão das mentes que hoje assola as hostes do bem. A perda do sentido do pecado e os miasmas espalhados pela noção falseada de misericórdia, entendida como uma espécie de aberrante tolerância por parte de Deus para com o mal, têm por consequência direta a perigosa e dramática diminuição da virtude da fé. O fim dos tempos, que precederá a vinda de Cristo, bem poderá se caracterizar pelo mutismo dos bons, pela passividade diante da torrente dos pecados, pela grave carência de justo furor ante os horrores produzidos pela soberba humana.

### **III – PEÇAMOS JUSTIÇA COM FÉ ARDOROSA!**

Nessa esplêndida passagem do Evangelho, o Divino Mestre nos ensina a rezar como apraz ao



“O Juízo Final”, por Jan van Eyck - Metropolitan Museum of Art, Nova York

Reprodução

Pai. Sim, Deus quer filhos interessados por sua glória, que não toleram vê-Lo desprezado, ofendido, calcado aos pés pela insolência dos homens perversos. Assim como a viúva suplicou justiça contra o seu adversário, a Santa Igreja, que é Virgem e Mãe de todos os que possuem a vida da graça, clama aos Céus pedindo vingança contra os inimigos do Altíssimo.

Exemplo fogoso e *éclatante* desse modo de rezar, tão auspiciado por Nosso Senhor, foi São Luís Maria Grignon de Montfort, apóstolo marial de incansável zelo e efficacíssima palavra. Ao prefaciando as constituições da congregação que pretendia fundar, dirigiu-se a Deus em termos sublimes, piedosos e intrépidos, consumido como sempre foi pelos interesses da glória de Jesus e de sua Mãe Santíssima. Eis alguns trechos da renomada *Oração Abrasada*:

“Lembrai-Vos, Senhor, desta comunidade nos efeitos de vossa justiça. *Tempus faciendi, Domine, dissipaverunt legem tuam*: é tempo de cumprir o que prometestes. Vossa divina lei é transgredida; vosso Evangelho, abandonado; torrentes de iniquidade inundam toda a terra, e arrastam até os vossos servos; a terra toda está desolada, a impiedade está sobre o trono, vosso santuário é profanado, e a abominação entrou até no lugar santo.

“Deixareis tudo assim ao abandono, justo Senhor, Deus das vinganças? Tornar-se-á tudo afinal como Sodoma e Gomorra? Calar-Vos-eis sempre? Tolerareis sempre? Não cumpre que seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu, e que a nós venha o vosso Reino? Não mostrastes antecipadamente a alguns de vossos amigos uma futura renovação de vossa Igreja? Não se devem os judeus converter-se à verdade? Não é esta a expectativa da Igreja? Não Vos clamam todos os Santos do Céu por justiça: *vindica*? Não Vos dizem todos os justos da terra: *amen, veni, Domine*? Todas as criaturas, até as mais insensíveis, gemem sob o peso dos inumeráveis pecados de Babilônia



Lúcio César Rodrigues

São Luís Maria Grignon de Montfort -  
Coleção particular

e pedem a vossa vinda para restabelecer todas as coisas”.<sup>6</sup>

Mais adiante, São Luís Grignon prossegue manifestando a pureza de sua intenção e a força de sua prece:

“Que Vos peço eu? Nada em meu favor, tudo para a vossa glória. Que Vos peço eu? O que podeis, e até ousar dizer, o que deveis conceder-me, como Deus verdadeiro que sois, a quem todo poder foi dado no Céu e na terra, e como o melhor dos filhos, que amais infinitamente vossa Mãe”.<sup>7</sup>

Aprendamos do eminente teólogo e ardoroso missionário o modo de pôr em prática em nossos dias esse espírito de oração ensinado por Jesus Cristo na parábola da viúva e do juiz iníquo. Se assim agirmos, manteremos acesa, com luminosa pujança, a tocha da fé em meio a este mundo de trevas, fazendo com que a História encete não a via que a levará de imediato ao fim do mundo, mas a estrada radiante e heroica que nos conduzirá ao triunfo diversas vezes prometido por Jesus e Maria. Será esta a era da vitória que culminará o curso dos acontecimentos sobre a terra. ✧

*Exemplo  
fugoso desse  
modo de  
rezar foi  
São Luís  
Maria  
Grignon de  
Montfort:  
“Tempus  
faciendi,  
Domine, é  
tempo de  
cumprir o que  
prometestes!”*

<sup>1</sup> Cf. SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, apud SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Caena Aurea*. In *Lucam*, c.XVIII, v.1-8.

<sup>2</sup> Cf. SANTO AGOSTINHO. *Quaestionum*

*Evangeliorum*. L.II, n.45: PL 35, 1358.

<sup>3</sup> Idem, 1358-1359.

<sup>4</sup> SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA. *Commentarius in Lucam*, c.XVIII, v.1: PG 72, 850.

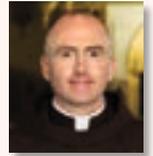
<sup>5</sup> SANTO ANTÔNIO MARIA CLARET. Autobiografia. In: *Escritos autobiográficos y espirituales*. Madrid: BAC, 1959, p.237.

<sup>6</sup> SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Prrière Embrasée*, n.5. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Du Seuil, 1966, p.676-677.

<sup>7</sup> Idem, n.6, p.678.

# “Vem e segue-Me”: ideal de todo cristão

Pelo Batismo, Cristo nos traça uma única meta: segui-Lo radicalmente. Cabe a todos, sem exceção, atender a seu convite com santidade e perfeição, discernindo cada qual o modo desejado por Deus para fazê-lo.



✠ Pe. Carlos Javier Werner Benjumea, EP

**A**um jovem que praticava os Mandamentos, Jesus olhou com amor e fez um convite: “Vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me” (Mc 10, 21).

Esse apelo a abandonar tudo para seguir o Divino Mestre chegou em primeiro lugar aos Apóstolos e, nos séculos sucessivos, a muitas almas sedentas de entregar-se por inteiro a Cristo. Inicialmente, o martírio representou o caminho régio para seguir as pegadas sangrentas e gloriosas de Jesus. Quando, porém, o perigo de morte cruenta foi se tornando cada vez mais distante, tal entrega se plasmou na “*fuga mundi*”, no intuito de morrer, não mais na arena pelos dentes das feras, mas para qualquer humana expectativa, pondo em prática da maneira mais radical o conselho de São Paulo: “Buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoi-vos às coisas lá de cima, e não às da terra” (Col 3, 1-2).

O movimento eremítico, o monaquismo e a vida religiosa em geral tornaram-se um lugar privilegiado para responder com generosidade ao cha-

mado de Jesus Cristo: “Segue-Me”. Sua palavra comoveu milhares de corações durante os mais de vinte séculos de História da Santa Igreja, formando uma constelação de Santos que admiram o estado de suprema liberdade para servir ao Senhor como seus escravos de amor.

Entretanto, o chamado ao seguimento não é exclusivo de alguns na Igreja. O Senhor o fez também às multidões: “Se alguém quer vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-Me” (Lc 9, 23).

## ***Diferentes meios para atingir um mesmo fim***

Graças à ênfase dada ao chamado universal à santidade, feito aos fiéis de qualquer estado ou condição,<sup>1</sup> essa perspectiva voltou à tona em nossos dias, depois de vários séculos de esquecimento e conformismo.

Trata-se de despertar nos batizados o interesse pela perfeição, isto é, pelo seguimento de Cristo, pois, de uma forma ou de outra, a santidade diz respeito a todos, sem exceção! Ademais – evitando tensões, mas sem inverter a ordem das coisas na Igreja –, cabe mostrar, com equilíbrio, a posição do estado de perfei-

ção e sua relação com o chamado à plenitude da caridade própria ao estado laical.

Para isso, propomos ao leitor uma reflexão sobre a perfeição com base na doutrina tomista, a fim de comprovar a harmonia existente entre o estado de vida religiosa e a vida secular, tantas vezes contrapostos na História moderna. Com efeito, a fragmentação da Teologia em Dogmática e Moral, e a posterior segmentação desta em tratados dedicados a casos de consciência e manuais de ascética, acabaram por sugerir dois níveis paralelos de vida cristã. O primeiro seria o da perfeição – entendida como seguir a Cristo pela renúncia dos bens materiais, do matrimônio e da própria vontade –, e o segundo consistiria em evitar o mal moral, representado pelo pecado mortal e o vício, embora sem aspirações à santidade, reservada tão somente aos religiosos.

São Tomás de Aquino jamais poderia imaginar a simples formulação de semelhante teoria. Para ele, como veremos, todos são chamados ao seguimento de Cristo, o qual consiste na perfeição da vida espiritual, ou seja, na santidade. A única diferença existente entre os diversos estados

reside na eleição dos meios para a obtenção de um mesmo fim.

### **No que consiste a perfeição?**

Antes de mais nada, convém indagar no que consiste a perfeição. São Tomás o responde com as palavras de São Paulo: “Acima de tudo, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição” (Col 3, 14). Vejamos a razão teológica exposta pelo Doutor Angélico após ter citado a autoridade infalível das Escrituras: “Cada um é considerado perfeito quando atinge seu próprio fim, que é sua última perfeição. Ora, pela caridade nós nos unimos a Deus, fim último da alma humana [...]. Logo, é especialmente pela caridade que se define a perfeição da vida cristã”.<sup>2</sup>

O seguinte passo a ser dado é perguntar se alguém pode ser perfeito nesta vida, levando a caridade a uma realização plena. A resposta comum tende para a negativa: “A perfeição, deixemo-la para o Paraíso”. Entretanto, o Anjo das Escolas não pensava assim: “A Lei Divina não nos convida ao impossível. Convida-nos, contudo, à perfeição, por estas palavras: ‘Sede perfeitos, assim como vosso Pai Celeste é perfeito’. Logo, parece ser possível alcançar a perfeição nesta vida”.<sup>3</sup>

Claro está que, segundo explica o próprio São Tomás, há uma diferença de grau entre a perfeição possível enquanto se peregrina *in via* e a dos bem-aventurados *in patria*. No Céu, a perfeição “responde a toda a capacidade de quem ama, isto é, enquanto seu amor se dirige a Deus com todas as suas forças e de modo sempre atual”.<sup>4</sup> Na vida presente, é impossível alcançar esse altíssimo grau de contemplação afetiva, que significa uma imersão definitiva na caridade divina. Todavia, há um modo de perfeição pelo qual se exclui “tudo o que é contrário ao amor de Deus”,<sup>5</sup> e esse se pode adquirir enquanto viador.

De outra parte, o Aquinate deixa bem assentada a relação entre a caridade e a prática dos Mandamentos



Francisco Lecaros

Uma religiosa acompanha Jesus na Paixão - Museu de Santa Clara, Gandía (Espanha)

*Todo batizado, em qualquer estado, é chamado a seguir a Cristo, o que consiste na perfeição da vida espiritual, ou seja, na santidade*

da Lei de Deus, e o faz, como sempre, mediante vários argumentos de autoridade das Sagradas Escrituras: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração” (Dt 6, 5); “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19, 18); “Nesses dois mandamentos se resumem toda a Lei e os profetas” (Mt 22, 40). Por fim, ele conclui: “A perfeição da caridade, que faz a perfeição da vida cristã, consiste em amarmos a Deus de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos. Logo, parece que a perfeição consiste na observância dos Mandamentos”.<sup>6</sup>

Trata-se de uma conclusão de grande importância, a ser sublinhada: a perfeição consiste em cumprir a Lei

de Deus. Para salvar-se, todos devem observá-la e, portanto, o chamado à perfeição – como fica claro no Evangelho – é universal, não se restringe a alguns.

### **Como alcançar a perfeição?**

Estando já bem esclarecido o que é a perfeição, surge agora uma outra pergunta: como atingi-la nesta vida? De dois modos, responde-nos o Doutor Angélico: “Primeiro, quando a vontade do homem rechaça tudo o que contraria a caridade, como é o pecado mortal. Sem essa perfeição, não pode existir caridade. Portanto, ela é necessária para a salvação. Segundo, excluindo de nossa vontade não só o que é contrário à caridade, mas também tudo o que impede o afeto da alma de se dirigir totalmente para Deus”.<sup>7</sup>

Alguns poderiam ver esboçada nessa resposta, com sutil atração, uma “moral de mínimos”. Para ser perfeito bastaria “apenas” evitar o pecado mortal, como se afirmava anteriormente. Estaria, então, São Tomás de Aquino, o sol da Teologia, conduzindo os cristãos por um caminho secundário? Em primeiro lugar, faz-se necessário considerar que o rechaço ao pecado mortal exige heroísmo. Ade-

mais, não é possível consegui-lo sem uma vida santa, permeada pelos raios das virtudes teologais e regulada pelas virtudes cardeais.

Por exemplo, como poderá um jovem ser puro – vencendo o demônio, a tempestuosa incitação das paixões e o exemplo sedutor do mundo –, a não ser lutando arduamente, com o auxílio da graça? E caberia aplicar interrogantes como esse a pessoas de todas as idades, diante das mais variadas situações morais. Para os homens abandonados às suas forças naturais é impossível abster-se do pecado mortal; só se pode logrã-lo com a ajuda de Deus (cf. Mt 19, 26).

### *Preceitos e conselhos*

Voltando, porém, à questão precedente, se a perfeição consiste na prática dos Mandamentos, como se explica que se possa ser ainda mais perfeito não apenas evitando violar a Lei Divina, mas removendo qualquer obstáculo que distancie a vontade do amor a Deus? Deixemos a palavra ao próprio São Tomás:

“Pode-se entender em dois sentidos que a perfeição consiste em tal coisa: por si mesma e essencialmente, ou de modo secundário e acidentalmente. Por si mesma e essencialmente, a perfeição da vida cristã consiste na caridade e [...] na observância dos preceitos. [...] Secundária e

instrumentalmente, porém, a perfeição reside na observância dos conselhos [evangélicos]. Tal como os preceitos, os conselhos se ordenam todos para a caridade, mas de maneira diferente. Os preceitos que não os da caridade, se ordenam a afastar as coisas que são contrárias à caridade, isto é, com as quais ela não pode subsistir. Ao passo que os conselhos se ordenam a remover os obstáculos ao ato de caridade, embora eles não a contrariem, como o matrimônio, a ocupação com os negócios seculares e coisas semelhantes”.<sup>8</sup>

Assim sendo, os conselhos, cuja índole eletiva está indicada no próprio nome, ordenam-se ao cumprimento dos preceitos<sup>9</sup> à maneira de instrumento. São Tomás esclarece ainda mais o argumento mediante um exemplo que lhe tocava muito

*A perfeição da vida cristã consiste na caridade e na prática dos Mandamentos; os conselhos evangélicos são apenas meios para atingi-la*

de perto, como veremos: “Algo está ordenado ao fim de dois modos: de modo necessário ao fim, sem o qual o fim não pode existir, como o alimento para a conservação da vida; ou de modo por assim dizer necessário ao fim no sentido de que, sem ele, não se pode alcançar tão bem o fim, como o cavalo está ordenado à viagem, não porque não se possa andar sem ele, mas porque com ele se viaja melhor”.<sup>10</sup>

Bem o sabia o bom e corpulento frade mendicante. Com efeito, quase todos os caminhos percorridos por São Tomás foram feitos a pé: de Nápoles a Bolonha, de Bolonha a Colônia, de Colônia a Paris... andando sob chuva, frio, sol e calor. Quantas vezes, ao ver os ginetes e ultrapassarem cavalgando em belos cavalos, não terá o Aquinate pensado na eficiência desse veículo animal enquanto instrumento quase necessário para alcançar o fim?...

Em todo caso, depois do significativo exemplo, segue a aplicação doutrinária: “De modo semelhante, os conselhos estão ordenados aos preceitos não porque sem eles não se possa observá-los [...] – de fato, Abraão, que fazia uso do matrimônio e das riquezas, foi perfeito diante de Deus, segundo as palavras do Gênesis: ‘Anda em minha presença e sê perfeito’ (17, 1) –, mas porque mediante os conselhos

Monges da Cartuxa de São Tiago -  
Coleção particular



*Alguns foram chamados à vida matrimonial, outros receberam a vocação de abandonar tudo; todos, porém, têm a mesma meta: Cristo*



À esquerda, *Sagrada Família* - Museu Nacional do Vice-Reino, Tepotztlán (México); à direita, “*Vocação de São Pedro e Santo André*”, por Federico Barocci - Museu de São Lourenço do Escorial (Espanha)

se alcança mais fácil e rapidamente a perfeita observância dos preceitos”.<sup>11</sup>

Com a precisão que o caracteriza, São Tomás estabelece a relação justa entre preceitos e conselhos, salvando a possibilidade de ser perfeito no cumprimento da Lei inclusive quando, por vocação – como no caso de Abraão –, não se abracem as vias da continência perfeita, da pobreza e da obediência. Assim como o frade chegou sempre à sua distante meta após longos trajetos a pé, sem este instrumento quase necessário chamado cavalo, da mesma forma se pode ser perfeito sem praticar os conselhos evangélicos.

### *Perfeição e seguimento*

Por outra parte, São Tomás equipara a perfeição ao seguimento de Cristo. Ao comentar o convite do Senhor ao jovem rico, transcrito no início deste artigo, ele assim o explica:

“Nessas palavras do Senhor é preciso distinguir uma parte que se apresenta como o caminho para a perfeição, expresso nas palavras ‘Vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres’, e outra que mostra em que consiste

a perfeição: ‘E segue-Me’. Por isso Jerônimo escreve: ‘Porque não basta deixar tudo, Pedro acrescenta o que constitui a própria perfeição: E nós te seguimos’. E comentando essa mesma passagem do Evangelho, ‘Segue-Me’, Ambrósio diz: ‘Manda segui-Lo, não pelos passos do corpo, mas pelo afeto da alma’, isto é, pela caridade”.<sup>12</sup>

Dessa forma, todos aqueles que são chamados à perfeição, ou seja, todos os batizados, ouviram o convite de Jesus a segui-Lo. Alguns, como o jovem rico, abandonando tudo; outros, como Zaqueu, deixando a vida de pecado e abraçando a fê vivificada pelas boas obras, como a esmola e a restituição (cf. Mt 19, 1-10).

### *Chamados a percorrer o mesmo caminho*

Em conclusão, nestes tempos tão necessitados de uma verdadeira renovação espiritual, cabe redescobrir o valor da Teologia do seguimento, como proposta evangélica para alcançar a perfeição à qual o Divino Mestre nos convida. Esse seguimento, no entanto, nos é proposto de mo-

dos diversos, não como caminhos diferentes, paralelos ou opostos, mas como maneiras distintas de percorrer o mesmo caminho, que é o próprio Cristo.

Alguns foram chamados à vida matrimonial e têm o mérito de completar o número dos eleitos, legando-lhes a fê e educando-os nela. Outros foram dotados com uma vocação mais exigente, a de deixar tudo. Livres das preocupações do mundo, estes percorrem o caminho da salvação com maior facilidade, sem nunca esquecer que estão ao serviço da Igreja, para completar a sua beleza, como porta-estandartes da perfeição, dando a todos a coragem necessária para não desistir no meio do caminho e tendendo continuamente para Cristo, meta e perfeição de nossa vida. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: La centralidad del seguimento de Cristo en la santificación del cristiano. In: *A vida religiosa hoje*. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2018, v.I, p.11-44

<sup>1</sup> Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.41.

<sup>2</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.184, a.1.

<sup>3</sup> Idem, a.2.

<sup>4</sup> Idem, ibidem.

<sup>5</sup> Idem, ibidem.

<sup>6</sup> Idem, a.3.

<sup>7</sup> Idem, a.2.

<sup>8</sup> Idem, a.3.

<sup>9</sup> Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Quodlibet*, IV, q.12, a.2.

<sup>10</sup> Idem, ad 3.

<sup>11</sup> Idem, ibidem.

<sup>12</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.184, a.3, ad 1.

## *Lição viva da Teologia*

Inigualável erudito, teólogo e filósofo, São Tomás de Aquino foi também um grande Santo. Um de seus maiores legados consiste na profunda piedade eucarística de que nos deu exemplo.



↳ **Bruna Almeida Piva**

**T**ntregado, Frei Domingos de Caserta pôs-se a observar um monge que todos os dias transitava pelo mosteiro em hora bem peculiar... Antes das Matinas – portanto, de madrugada – ele saía sorrateiramente de sua cela e retornava logo ao escutar o sino para a oração, a fim de não ser visto.

Decidido a descobrir o motivo da “fuga”, certa feita o zeloso frei seguiu o “transgressor”: eles desceram as escadas, atravessaram um corredor e, por fim, chegaram à Capela de São Nicolau, onde o monge entrou. Como ele demorasse muito ali, Frei Caserta resolveu entrar e o encontrou em oração, suspenso no ar! Além disso, ouviu uma voz claríssima provinda do crucifixo: “Tomás, escreveste bem de Mim. Que recompensa queres pelo teu trabalho?” Ao que o religioso respondeu, com candura e simplicidade: “Nada além de Vós, Senhor!”<sup>1</sup>

Sim, esse ardoroso monge foi um dos maiores gênios da História: São Tomás de Aquino, um homem conhecido como erudito, teólogo e filósofo, mas que muitos esquecem ter sido um grande Santo. Pretendemos neste artigo apontar, justamente, um importante aspecto de sua alma: sua piedade, em especial a devoção

eucarística, base sólida sobre a qual ele fundamentou sua vida e obra.

O fato narrado acima deu-se nos últimos anos do Doutor Angélico nesta terra, quando ele terminava de redigir o *Tratado sobre a Eucaristia*, inserido no final de sua obra-mestra, a *Suma Teológica*. Conjectura-se que estava passando por alguma provação em relação aos seus escritos. O certo é que as palavras pronunciadas pelo Salvador bastaram para cancelar com “carimbo” divino tudo quanto ele afirmara sobre o augusto Sacramento do Altar.

### *Conquistado por Maria desde o berço*

Essa profunda piedade só poderia ter como origem o amparo da Santíssima Virgem. Demonstra-o um fato encantador, que a História felizmente gravou.

Certo dia, ao banhar o menino, sua ama de leite observou que ele escondia na mão um papelzinho. Vãs foram as tentativas de tirá-lo do bebê... Ele o segurava com força, apertando-o contra o peito, e chorava sempre que tentavam abrir sua mãozinha. Essa tenacidade, porém, era imprópria ao seu caráter terno e tranquilo. Quando sua mãe conseguiu, afinal, pegar o papel, encontrou nele

a simples inscrição: “Ave Maria”. Admirada, a Condessa de Cariccioli devolveu o escrito ao filho que, sem titubear, levou-o à boca e o engoliu, sorrindo-lhe em seguida.

Nossa Senhora havia elegido Tomás como objeto de sua predileção desde o berço, e conquistou seu coraçãozinho para nele semear o amor a seu Divino Filho.

### *Entranhada devoção eucarística*

Sendo já sacerdote dominicano, seu primeiro ato do dia era estar em adoração diante do sacrário. Depois das Matinas, celebrava uma Missa e logo em seguida assistia a outras duas, as quais quase sempre acolitava. Comenta Bento XVI que ele, “segundo os antigos biógrafos, costumava aproximar a sua cabeça do tabernáculo, como que para sentir palpitar o Coração divino e humano de Jesus”.<sup>2</sup>

Cada visita de Tomás ao Prisioneiro do tabernáculo, cada encontro de seu olhar finito e criado com o olhar eterno e criador, cada contato de sua inteligência humana e defectível com a sabedoria infinita e onisciente, comunicava-lhe autênticos fulgores da própria luz divina, que ele depois transmitia em seus escritos.

A união com Deus atingiu um tal auge em sua alma que ele foi favore-

cido com o dom da contemplação infusa, assim como o de levitação e das lágrimas. Tinha êxtases profundíssimos, os quais às vezes duravam algumas horas.

### **Obra de amor oferecida a Jesus-Hóstia**

Além de consignar a doutrina a respeito desse Sacramento, Tomás foi o poeta por excelência da Eucaristia! O Ofício e a Liturgia que compôs para a Solenidade de Corpus Christi são uma verdadeira joia que, na feliz expressão de uma obra do século passado, “já desafiou sete séculos, e que talvez sigamos cantando na eterna bem-aventurança”.<sup>3</sup>

Ninguém como ele conseguiu traduzir a ciência eucarística em orações e hinos tão belos. Com toda a razão, São Tomás recebeu de Pio XI o título de “Doutor Eucarístico”.<sup>4</sup> Seu nome ficará por todo o sempre gravado no estandarte da História como o portador da maior obra de amor oferecida a Jesus-Hóstia.

### **Santidade: o maior legado de São Tomás!**

Há certas realidades que só atingem a plenitude do fulgor em seu ocaso, à semelhança do Sol, que deita seus mais belos raios quando está prestes a se recolher sob as misteriosas brumas da noite. Assim acontece com as almas que andam na presença de Deus: seus últimos dias nesta terra são os mais carregados de bênçãos, pois revelam de forma maravilhosa a santidade de uma vida inteira.

Analisando, pois, o fim da peregrinação terrena do Doutor Angélico, podemos saborear amplamente seu amor a Jesus Eucarístico, cujo fervor nem as glórias do mundo nem as vaidades da erudição lograram arrefecer.

Aos quarenta e nove anos de idade, caiu ele gravemente enfermo durante uma viagem. Seus biógrafos contam que os monges cistercienses de Fosanova que o acolheram disputavam

entre si para levar algumas achas de lenha à lareira que o aquecia, a fim de ter a oportunidade de conviver com aquele mestre que tanto admiravam. Frei Tomás, por sua vez, agradecia-lhes esse favor expondo-lhes sucintamente o Cântico dos Cânticos, pois eles o haviam pedido.

Estando às portas da morte, pediu o Santo Viático. Ao ver Jesus Sacramentado entrar em seu aposento, exclamou cheio de emoção: “Senhor... Vós vindes visitar a mim?” Não obstante sua extrema debilidade, levantou-se com esforço do leito e prostrou-se diante do Santíssimo Sacramento por um longo tempo, enquanto rezava o *Confiteor*. Depois, pôs-se de joelhos e fez esta comovedora oração: “Corpo Sacratíssimo, preço de minha alma, viático de minha peregrinação!... Por vosso amor, meu Jesus, estudei, preguei, ensinei e vivi. Meus dias, meus suspiros, meus trabalhos foram todos para Vós. Tudo quanto escrevi, o fiz com a reta intenção de agradar-Vos. Contudo, se houver algo não conforme à verdade, eu o submeto à autoridade da Igreja Romana, em cujo seio e obediência desejo morrer”.<sup>5</sup> Assim que comungou, entrou num profundo êxtase.

\* \* \*

Muitas foram as obras doutrinárias desse glorioso Santo. Entretanto, nenhuma delas se compara ao seu exemplo de virtude! Olhando, pois, para o gênio de Aquino, saibamos haurir não apenas a erudição de seu pensamento ou a sabedoria de suas palavras, mas, sobretudo, deixemo-nos embeber por sua devoção eucarística, a fim de participarmos da recompensa demasiadamente grande de que ele goza agora do Céu! ✧



Francisco Lecaros

**Cada visita de São Tomás ao Prisioneiro do tabernáculo comunicava-lhe novos fulgores da luz divina, que ele depois transmitia em seus escritos**

São Tomás de Aquino - Museu Diocesano de Arte Sacra, Vitoria-Gasteiz (Espanha)

<sup>1</sup> GUILHERME DE TOCCO. *L'histoire de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Du Cerf, 2005, p.85.

<sup>2</sup> BENTO XVI. *Audiência geral*, 23/6/2010.

<sup>3</sup> FARREL, OP, Walter; HEALY, STD, Martin J. *El libro rojo de Dios, según Santo Tomás de Aquino*. Pamplona: Don Bosco, 1979, p.598.

<sup>4</sup> PIO XI. *Studiorum duces*.

<sup>5</sup> SAINZ, OP, Manuel de M. *Vida del angélico maestro Santo Tomás de Aquino, patrono de la juventud estudiosa*. Vergara: El Santísimo Rosario, 1903, p.177.

## Um soldado de Maria

Pobre Gabriel... Não sabia ainda que, muito mais duro que derrotar um inimigo no campo de batalha, é vencer-se a si mesmo no altar da santidade!

✎ Thiago Resende Barbosa



Poucos relatos há tão fascinantes quanto os que nararam as misteriosas relações entre Criador e criatura, sobretudo quando manifestam a sublime paternalidade divina, disposta a tudo para salvar o filho pecador.

Tais descrições, entretanto, tornam-se ainda mais admiráveis quando nelas se faz presente – discreta, mas acolhedora e insistente – a figura augusta e maternal d'Aquela que, sendo Mãe de Deus, é também Mãe dos homens: Maria Santíssima. Entra em cena uma santa perseguição, na qual a Senhora das misericórdias passa a ser a perseguidora, e o filho desgarrado, por mais arisco que se revele, o alvo de seu transbordante afeto.

Tudo isso está presente numa história iniciada a 25 de agosto de 1835.

### *O despontar de uma vocação*

Filho de uma piedosa família da região de Auvergne, na França, Gabriel-Antoine Mossier era sem dúvida uma alma diletta. Quando contava por volta de doze anos, foi matriculado em Billom, renomado colégio jesuíta cuja origem data do século XV. Nesse educandário conheceu outro jovem de sua idade, Victor Bosdure, com o qual estabeleceu um fraternal relacionamen-

to, que perduraria até o fim de suas vidas.

Como era costume nos colégios da Companhia daqueles tempos, no início do ano letivo pregou-se aos estudantes um retiro, sempre ocasião de inúmeras graças. Terminado o recolhimento, enquanto conversavam acerca das moções interiores recebidas, os dois amigos decidiram expor um pensamento que já não conse-

guiam guardar: o que desejavam ser quando crescessem!

Levados, porém, pelo gosto do segredo que sói constatar-se nas almas pueris, para não o revelar de imediato e, ao mesmo tempo, garantir que um dia pudessem sabê-lo, combinaram ambos escreverem seus planos em bilhetes e os colocarem num buraco da parede. Ali os deixariam até que um dia, regressando a Billom, pudessem comprovar sua escolha.

Ora, como era de se prever tratando-se de rapazes ainda tão pouco habituados às longas esperas, mal haviam guardado os papéis já se puseram a retomá-los, abri-los e ler seu conteúdo.

No de Victor estava escrito: “Eu serei missionário”. Quanto ao de Gabriel, não revelaremos agora seu teor; deixemos que o tempo e a história o façam por nós.

### *A carreira militar*

Os anos se passaram e, com eles, o período colegial. Chegou a hora da decisão, mas esta, Mossier já a fizera havia muito.

Seu ímpeto, sua paixão equestre, seu patriotismo ardoroso e alta pretensão só lhe poderiam fornecer um caminho a seguir. Sem hesitar, apresentou a seus familiares a decisão de ingressar no exército



**Sem hesitar, o jovem Gabriel decidiu ingressar no exército francês**

Dragão francês com bandeira prussiana capturada na Batalha de Jena-Auerstedt - Museu do Exército, Paris

francês. Recebido o consentimento, partiu para se alistar no mesmo corpo que, anos antes, tinha visto desfilar no campo de manobras de Clermont: o 3º Regimento de Dragões. Sua rápida adaptação, acompanhada por um grande contentamento, pareciam indicar que ele havia encontrado o lugar certo e rumava a um futuro promissor. Contudo, antes que os primeiros ventos do sucesso enfunassem as velas daquela frágil embarcação, Maria Santíssima preparava-lhe, maternal e amorosamente, uma tempestade.

Quando tudo parecia concorrer para que o jovem Gabriel fosse promovido, ele caiu de cama sem forças para continuar sua carreira. Fora vítima de uma epidemia de febre tifóide, e caminhava inexoravelmente para a sepultura. Avisada desta notícia, sua mãe resolveu ir para junto do leito do filho moribundo, a fim de rogar à Santíssima Virgem que o curasse. Apenas ouviu o santíssimo nome de Maria, o delirante Gabriel pareceu se reanimar e, começando a mexer os lábios, uniu-se às súplicas da mãe. As preces de ambos foram atendidas: em pouco tempo, ele se encontrava de novo em seu vigor natural. Entretanto, espiritualmente viu-se ainda mais fortalecido pela insigne prova do desvelo e amparo maternos que a Rainha do Céu lhe dispensara.

Não obstante esse aprofundamento nas relações com Maria, a principal meta de Mossier estava bem longe daquilo que sua Mãe Celeste lhe desejava. O anseio por subir, realizar-se e ser um grande oficial constituía uma ideia fixa que dominava suas cogitações e à qual dedicaria todas as forças. De fato, sua ascensão não demorou...

Em 1854, sete meses após entrar no exército, o jovem de dezenove anos foi elevado a brigadeiro, posto humilde no exército, mas que, conferindo-lhe os tão ansiados galões e o mando sobre uns tantos homens,

iniciava a linha reta rumo ao objetivo tão almejado.

Em 1861, vemo-lo radiante de entusiasmo, e com os olhos brilhando de contentamento, revestir-se de seu novo uniforme de subtenente. Por fim, era um oficial! Dentro em breve não reteria ele o título de maior general que a França conheceu em todos os tempos? Talvez sim, mas o futuro ainda lhe reservava muitas surpresas.

### *Um amigo fiel*

Após a nomeação, Gabriel Mossier resolveu passar um tempo em casa dos familiares a fim de repor as energias e amenizar as saudades. Certo dia, chegou-lhe uma missiva de seu velho, mas quão estimado e fiel amigo, Victor Bosdure, convidando-o para a cerimônia em que realizaria a profissão religiosa e se tornaria carmelita. Evidentemente, o oficial aceitou comparecer.

Mossier hospedou-se no próprio mosteiro. Chegando à sua cela, logo iniciou uma minuciosa revista. Como aquilo parecia diferente! Um quarto pobre e quase sem mobílias abrigava, em suas paredes, algumas imagens piedosas. À cabeceira da cama, um grande Cristo de olhos tristes e doces fitava o hóspede. Abaixo deste, viu uma disciplina, já bem gasta, certamente esquecida pelo bom monge que habitava o quarto. Era o panorama da vida religiosa que se descortinava a seus olhos: belo, porém duro; elevado, mas exigindo uma completa humildade; admirado por muitos, abraçado por poucos... Enquanto mergulhava nessas considerações, um discreto “quem sabe” escapou dos lábios de Gabriel.

Na manhã seguinte, teve início a cerimônia. Enquanto Victor fazia sua profissão, os sentimentos traíam o soberbo oficial que, lembrando-se do fato em Billom e da fidelidade de seu amigo à graça, não podia conter a emoção em face do belo exemplo que lhe



Fotos: Reprodução

**Mossier foi cedo promovido a brigadeiro e depois a tenente; entretanto, o ideal da vida religiosa começava a despontar em sua alma...**

No alto, Gabriel Mossier como tenente do 3º Regimento de Dragões; logo abaixo, brigadeiro francês do mesmo regimento na década de 1830

era apresentado. Infelizmente, sabia que o mesmo não podia ser dito de si.

De qualquer modo, em 1867, Gabriel foi nomeado tenente. Mais do que nunca, estava determinado a continuar sua brilhante carreira.

### **A guerra**

1870! Ano que marcaria a história da França para sempre e, com ela, também a do nosso oficial, pois se iniciava a terrível Guerra Franco-Prussiana. Para ele, a notícia do conflito vinha ao encontro de seus mais ardentes e fogosos desejos. Era para isso que nascera!

Durante a longa jornada que o separava do campo de batalha, muitos pensamentos assaltavam sua mente. Em primeiro lugar, claro, estavam os jubilosos anseios que possuía em relação à guerra. Contudo, outras cogitações – discretas, mas penetrantes – também lhe sobrevinham e pesavam em sua consciência. Não pudera ele constatar a misteriosa predileção que pairava sobre si, por parte de Maria Santíssima? Acaso não havia ele traçado um outro destino para sua vida, quando em Billom escrevera o bilhete? Não era noutro lugar que a Providência o esperava?

### **Uma visita ao céu**

Como todo cristão, Gabriel sabia que com a morte não se brinca. Por isso, rezava a Maria para que lhe concedesse a oportunidade de se emendar verdadeiramente, pelo Sacramento da Confissão, antes de chegar a hora do entrechoque.

Em certo momento da exaustiva marcha, sua divisão precisou fazer uma pausa para, além de recuperar as energias, informar-se sobre a rota a seguir, missão que ficou a cargo do Tenente Mossier. Enquanto entrevistava os habitantes da região, ouviu comentar acerca da existência de uma Trapa nos arredores. Era justamente o que procurava. Após apresentar ao comandante as informações coletadas, Gabriel pediu autorização para, com outro soldado de sua amizade e confiança, passar a noite naquele mosteiro, a Trapa do Monte das Oliveiras. Ambos partiram logo em seguida.

Recebidos pelo padre hospedeiro, solicitaram-lhe que os atendessem em Confissão, após o que recolheram-se nas celas a eles destinadas. Ah! Quanta paz! Às duas da madrugada levantaram-se, não ao som dos trompetes para uma nova marcha, mas aos dos sinos, que convidavam a louvar

Nosso Senhor. Instalados na igreja, puderam sentir a viva e profunda emoção de ouvir aqueles cânticos celestiais entoados por homens que mais pareciam Anjos. Aquilo era a antecâmara do Céu!

Ao deixarem o “paraíso terrestre” para retornar ao vale de lágrimas, recolhidos e silenciosos, pareciam transformados. Rasgando o silêncio, Gabriel confidenciou ao amigo: ouvira uma voz interior que o chamava para aquela vida. Era o mesmo timbre que, outrora, lhe falara ao coração no seu primeiro retiro, o mesmo que, aos doze anos, o levou a escrever em seu bilhete: “Eu serei trapista”. O tempo se passara, a criança crescera, mas o chamado permanecia. Isso não podia continuar assim, concluía o tenente de trinta e cinco anos.

Contudo, o dever de lutar pela França fá-lo-ia prorrogar sua entrega por mais um tempo. O voto, porém, estava feito: se voltasse vivo da guerra, seria trapista.

### **O fim da guerra**

O 3º Regimento de Dragões iniciou sua atuação, deixando atrás de si uma esteira de bravura e de sangue, apesar dos resultados negativos que



Reprodução

**Após aquela noite na Trapa do Monte das Oliveiras, Gabriel fez um voto: se voltasse vivo da guerra, seria trapista**

Cena da Batalha de Gravelotte, por Alphonse-Marie-Adolphe de Neuville - Museu de Orsay, Paris



**Se Gabriel Mossier abandonou o exército francês, foi porque sabia ser chamado a integrar a falange incomparavelmente mais gloriosa dos soldados de Maria**

Aspectos da Trapa de Chambarand no final do século XIX

a campanha vinha apresentando, até que, na manhã de 16 de agosto, chegou a hora sonhada por Mossier: a de empreender uma carga de cavalaria. Em Gravelotte, encontraram-se as armadas inimigas. De sabre em mão, ali estava Gabriel que, aos gritos de “Viva a França”, lançou-se entre as fileiras prussianas com todo o seu furor.

No fim da batalha, muitos oficiais estavam mortos, outros feridos; entre estes, o Tenente Mossier. Não tardou muito para que, de capitulação em capitulação, o exército francês acabasse por ter de baixar as armas e seguir cativo até a Prússia. Quão duro foi para nosso jovem ver seus sonhos liquidados!

Todavia, após longos meses prisioneiro, Gabriel voltou à França e em 1872 foi elevado a capitão. Apesar do malogro na guerra, sua carreira ainda parecia muito promissora. Mas... e o voto?

### **A grande decisão**

Do alto do Céu, a paciente Mãe já não podia mais esperar pelo filho desgarrado. Iria definitivamente ao seu encontro! Certo dia, o Capitão Mossier encontrava-se sozinho em seu quarto quando, de repente, pareceu-lhe ouvir

a voz, doce, suave e já familiar, da Santíssima Virgem. Dizia Ela, no fundo de sua alma: “Eu deixei passar a França na minha frente, mas chegou a minha vez. Fizeste-Me uma promessa, empenhaste tua palavra de cavaleiro de que tu querias ser meu”. E concluía: “Todas as tuas esperanças de revanche, de glória, de avance, são vãos pretextos para esconder tua covardia”.<sup>1</sup>

Covardia... Como isso repercutiu no fundo daquele coração! Mossier e covarde eram dois termos que pareciam irreconciliáveis. Acaso não era ele o destemido militar que lutara intrepidamente na Batalha de Gravelotte? Como um tão valente oficial poderia reconhecer-se fraco? Pobre Gabriel... Não sabia ainda que, muito mais duro que derrotar um inimigo no campo de batalha, é vencer-se a si mesmo no altar da santidade! Recebia agora essa lição e com todo o afeto, mas também muita dor, estava disposto a aceitá-la.

Passou a noite inteira a rezar pedindo forças. No dia seguinte, sua vida era outra! Desligando-se do mundo e de suas enganadoras esperanças, foi à procura da mais humilde Trapa da França. Em pouco tempo a encontrou: Chambarand.

Ao ingressar na Trapa, insistiu em permanecer um simples monge servidor, longe das glórias do sacerdócio, desejoso de viver olvidado de todos, mas lembrando-se sempre d'Aquela que nunca lhe esquecera. Morrera Gabriel-Antoine Mossier, e nascera o Ir. Marie-Gabriel. Se pelo orgulho afundara, pela humildade ressurgiria do lodo do pecado. E, para isso, aplicaria toda a sua formação militar na luta contra o homem velho.

Por fim, em 10 de abril de 1897 terminava a peregrinação terrena de uma alma que, perseguida pelo amor maternal de Maria, soube dizer sim à graça, abandonar tudo e seguir o chamado de Deus. Sua fama de santidade então já havia se espalhado não só dentro do mosteiro, mas por toda a região de Chambarand.

Se Gabriel Mossier abandonou o exército francês, foi porque sabia ser chamado a integrar a falange incomparavelmente mais gloriosa dos soldados de Maria, heróis da virtude e conquistadores do Céu. ✧

<sup>1</sup> DU BOURG, Antoine. *Du champ de bataille à la Trappe: le Frère Gabriel*. Paris: Perrin, 1939, p.72-73.

# Deus quer conviver conosco!

Thiago Tamura

Se o Menino Jesus nos presentearse com algum objeto feito pelas suas próprias mãos, não nos daria um dom mais precioso do que nos concedendo uma só graça...



✠ Ir. Luísa Gurgel de Melo, EP

**T**rabalhos, preocupações, infortúnios, conquistas, sonhos de realização e distrações de toda ordem muitas vezes tomam por completo a nossa atenção, imergindo-nos em uma viciosa e constante dissipação...

Ora, diz a Escritura: “*Non in commotione Dominus*” (I Rs 19, 11), o Senhor não está na agitação. Absortos pelo tumulto das ocupações terrenas, acabamos por nos afastar de Deus, esquecendo-nos de que não estamos nesta terra por outro motivo que conhecê-Lo, servi-Lo e amá-Lo.

Nossa alma é um solo sagrado no qual o Altíssimo semeia sua graça (cf. Mt 13, 18-23), mas cuja fertilidade ou aridez depende de nosso cuidado. E esse cuidado não exige que abandonemos nossos deveres diários, mas que saibamos, em meio a eles, elevar os nossos corações.

**Mais preciosa que um presente do Menino Jesus**

É comum às nossas mentes “industrializadas” imaginar que Deus possui um arsenal de graças já criadas, agrupadas e armazenadas

por “categorias”, prontas para serem derramadas sobre nós de acordo com certas necessidades predeterminadas como, por exemplo, uma doença ou a perda de um ente querido...

A boa Teologia católica nos ensina, porém, que Deus cria para cada pessoa e a cada circunstância suas graças, que são específicas e únicas. São presentes feitos, por assim dizer, sob medida e personalizados para

cada um de nós. Se o Divino Menino Jesus, na oficina de São José, fabricasse algum artigo de madeira e com ele nos presentearse, não nos daria um dom tão precioso quanto ao nos conceder uma graça!

O cultivo das graças que recebemos é, pois, um ponto central para nossa vida espiritual. Correspondendo com amor a essas carícias divinas, logo nos conformaremos com Deus e nos santificaremos, ao passo que, desprezando-as, acabaremos por nos tornar verdadeiros ateus práticos a caminho da perdição.

**Elevação de espírito e transcendência**

Cuidar bem do tesouro da divina graça e, sobretudo, estar com a alma sempre aberta para recebê-la, supõe de nossa parte uma predisposição. Com efeito, o Senhor não lança pérolas aos porcos (cf. Mt 7, 6), e pouco Se comunica com aqueles que não dão valor à vida sobrenatural.

A voz da graça, ademais, não agride o livre-arbítrio humano;



**Tão grande era o amor de Maria Santíssima, que tudo ao seu redor servia de ocasião para Ela Se reportar ao Senhor, em meio a qualquer atividade**

“A Sagrada Família” - Museu da Misericórdia, Porto (Portugal)

ela não brada, mas sussurra no fundo das almas. Aquelas que estão atentas aos alaridos do mundo não são capazes de ouvi-la nem lhe podem, por isso, obedecer.

Predispor-se para corresponder a esse dom celestial significa manter o espírito recolhido, não apenas nos momentos de oração ou meditação, mas especialmente durante os nossos afazeres, nos quais costumamos gastar a maior parte do tempo. Não é justo que dediquemos ao Senhor apenas uma parte de nossa atenção; Ele tem direito sobre toda a nossa existência! Sem deixar, então, de dar “a César o que é de César”, devemos dar “a Deus o que é de Deus” (Mt 22, 21).

Ora, como podemos fazer isso? Transcendendo o nosso entendimento das coisas materiais para as realidades sobrenaturais. As tarefas práticas, desde que não contrárias à moral e feitas com a devida impoção de espírito, podem sempre servir de pretexto para pensarmos em assuntos mais elevados e, portanto, darmos à graça ocasião de nos transformar. Assim como tudo é mau para quem tem a mente corrompida (cf. Tit 1, 15), tudo tem relação com Deus para quem O ama verdadeiramente.

### ***O maior exemplo da História***

Um preciosíssimo exemplo desse recolhimento deixou-nos, há mais de dois mil anos, a própria Mãe do Criador, a Sede da Sabedoria, o Espelho de todas as perfeições divinas: Maria Santíssima.

Conforme nos narra uma sã tradição, desde a mais tenra infância Ela, que seria o Tabernáculo de Deus entre os homens, dedicou-Se ao serviço do Templo. Ali, submetia-Se a diversas funções, como limpar o recinto



**É preciso transcender das realidades materiais para as sobrenaturais, a fim de que a graça possa atuar em nós**

“Visão de Dionísio Rickel”, por Vincenzo Carducci - Museu do Prado, Madri

sagrado, costurar e bordar roupas e alfaias destinadas ao culto, conservar o material litúrgico.

Longe de Se distrair, porém, com tais obrigações, enquanto as executava Maria pensava em Deus e no Messias que haveria de vir. Tão grande era seu amor que tudo ao seu redor servia de ocasião para reportar-Se a seu Senhor, para Lhe dirigir uma súplica ou mesmo para consolá-Lo com o oferecimento de algum sacrifício, por pequeno que fosse. Estivesse Ela lendo passagens das Sagradas Escrituras, discernindo a ação da graça em uma alma, ou mesmo embevecendo-se com uma flor e contemplando o voo de um passarinho, sua alma encontrava-se sempre no convívio divino.

Mais tarde, tendo de cercar de cuidados e carinho o Divino Infante, e de Se ocupar, portanto, com o máximo zelo dos afazeres domésticos, nem por isso Ela Se entregou à agi-

tação. Diz a Escritura: “Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no seu Coração” (Lc 2, 19), pois sua principal atenção estava em servir a Jesus com sua caridade ardente.

Por esse estado de espírito, Nossa Senhora oferecia a Deus a possibilidade de realizar n’Ela maravilhas, de revelar-Lhe mistérios inefáveis e de Lhe comunicar a qualquer momento as torrentes de sua graça. Nessa escola de convívio, Maria atingiu a plenitude da união com o Criador, a ponto de tornar-Se, entre os homens, a própria presença d’Ele.

### ***O gozo celeste vivido nesta terra***

Podem parecer muito custoso, à primeira vista, a um homem do século XXI proceder como Nossa Senhora;

entretanto, isso não corresponde à realidade. A via trilhada por Ela é simples e acessível a todo aquele que, de boa vontade, recomenda-se à sua maternal intercessão e se dispõe a caminhar sob as asas da sublimidade. Ademais, o próprio Deus é quem mais deseja e procura entrar em contato conosco constantemente! Basta que não fechemos os nossos corações e estejamos atentos aos convites que Ele nos apresenta todos os dias.

A partir do momento em que façamos esse simples esforço, experimentaremos em nosso interior a maior felicidade que se pode alcançar nesta terra: o contato de “alma a alma” com Deus, gáudio que apenas seu amor infinito e esta proximidade com Ele pode nos dar.

Roguemos, pois, ao Imaculado Coração de Maria que nos conceda luzes e forças para seguir seus passos e nos tornarmos dignos receptáculos da graça divina. ✧

# Chamado a prestar grandes serviços à Igreja

Às almas destinadas a uma vocação especial, a Providência reserva uma via de desmentidos. Também a vida de Dr. Plínio transcorreu marcada por difíceis lutas interiores, rumo ao cumprimento pleno de sua missão.



✦ Plínio Corrêa de Oliveira

**H**á duas posições de Deus em relação aos homens. Alguns entram naquilo que chamamos providência geral; outros, no que denominamos providência especial.

## *Providência geral e especial*

A Providência Divina é aquela suprema perfeição da sabedoria pela qual Deus conduz os acontecimentos. Em vista de como as coisas são, Ele as dispõe de acordo com seu plano a respeito de cada criatura.

A grande maioria dos homens é conduzida por Deus segundo a providência geral. Quer dizer, para o indivíduo comum, Ele proporciona uma vida normal, concedendo-lhe recursos ordinários e intelecto suficiente para utilizá-los a fim de prover as suas necessidades.

Contudo, para outras pessoas o Altíssimo tem uma vocação especial, conduzindo-as de um modo peculiar. Visto ser um chamado especial, Ele também lhes dá um cuidado próprio, que não é o ordinário.

A pessoa posta sob uma providência especial tem habitualmente uma noção, pelo menos confusa, dos desígnios divinos a respeito dela. Na Escritura há

o caso do profeta Samuel, a quem Deus chamou três vezes. Ele, porém, pensava que era Heli, o pontífice do Templo... Numa quarta ocasião, ao ouvir “Samuel, Samuel”, o profeta retrucou: “Fala, Senhor, que teu servo escuta” (I Sm 3, 10). Assim também, diante desses impulsos primeiros que nos chamam, poderíamos responder: “Senhor, onde estais? Eu não Vos vejo!”

## *Um chamado para algo sublime*

Nesse mesmo sentido, o problema que eu tinha na minha juventude era, praticamente, vocacional e se exprimia da seguinte maneira.

Desde pequeno eu sentia um chamado para algo maior... Sentia-o

*A grande maioria dos homens é conduzida por Deus segundo a providência geral; para outras pessoas, o Altíssimo tem um chamado especial*

muito acentuadamente, sem saber defini-lo. Era-me claro que devia ter uma vida diferente da dos outros. Percebia bem que eu “transbordava do meu copo” e que no meu caminho estavam realizações enormes, luminosas, magníficas, importando em sacrifícios para os quais precisava me preparar, mas também em vitórias que me encheriam de alegria.

Acompanhado disso, experimentava uma espécie de horror de que não se confirmassem esses pressentimentos comigo, e que tivesse de acomodarme inteiro no padrão de vida de qualquer homem de minhas condições, em meu tempo. Eu sentia uma espécie de asfixia com esse pensamento.

## *“Encontrei a minha via”*

Foi um “destampamento”, algo magnífico, o dia abençoado em que passei pela Praça do Patriarca<sup>1</sup> e encontrei o aviso sobre a realização do Congresso da Mocidade Católica. Foi um brado! Uma porção de coisas que eu julgava inviáveis, de repente se me apresentavam aos borbotões.

Imaginem um rapaz que chega aos seus dezenove ou vinte anos, mas já muito maduro e sofrido para a idade, buscando um objetivo que não se reali-

za. E que, por essa razão, tem a impressão de que todo o futuro desejado está comprimido e agarrado pelas mãos. De repente, ele passa por um lugar, vê algo e aquela janela se abre! Podem calcular bem a alegria de alma que isso dá.

Dali em diante, sucessivas alegrias com o Movimento Mariano, a fundação da Liga Eleitoral Católica, a minha eleição como deputado da Assembleia Nacional Constituinte... Tudo indo num voo contínuo, e eu dizendo-me, com delícias para a minha alma: “A via está encontrada. Daqui para a frente é batalhar duro, não há dúvida, mas a via é esta!”

### *As dificuldades são o sinal de que a vocação é amada por Deus*

Ora, depois desse movimento ascensional, quando eu tinha então vinte e cinco ou vinte e seis anos, tudo quanto parecia constituir uma estrada livre para mim dava em nada ou, pelo contrário, fazia-me voltar ao ponto de partida, tornando-me impossível o que eu queria. Pode-se compreender o tormento que isso supunha.

Comecei a perceber esse esboramento do meio para o fim de meu mandato como deputado. Consistiu no desmoronar do patrimônio de minha família, no empobrecer e na necessidade de trabalhar para viver, quando eu queria dedicar todo meu tempo e esforços em fazer apostolado.

Daí o tormento: “Então é só isso?! Tudo foi ilusão? A minha vida será a de um advogado que vai ao fórum, toma nota para preparar umas argumentações para o cliente – porque este brigou com outro – e faz a defesa de seus direitos em questões sem importância?! Toda a minha alma se volta para outros objetivos. Ainda que eu faça dinheiro nessa carreira – e isso é duvidoso –, não nasci para ganhar dinheiro. Eu nasci para outra coisa!”

Ademais, até aquela ocasião eu havia tido uma saúde de ferro. Mas apareceram alguns inconvenientes, que depois a Providência fez cessar.



Dr. Plínio em uma conferência no ano de 1989

Reprodução

*Deus dá uma vocação muito grande e depois provê situações com as quais não se contava, fazendo parecer que nos abandonou...*

Por exemplo, nevralgias que me atacaram naquele tempo. Às duas ou três horas da manhã, acordava e ficava sentado, com uma dor forte na cabeça, como se houvesse um prego cravado na minha frente do lado esquerdo, e o tempo passando... Ouvia os relógios do hotel e da igreja darem as horas, e eu, sentado, meditando nesses infortúnios e aguentando o “prego”. Então, ao sentir-me exausto, dormia com o peso da opressão que me preocupava.

Depois comecei a perceber a crise religiosa e política minando o caminho que eu tinha diante de mim. Aí o terror e a asfixia da ilusão: “Aquilo não foi senão um engano, um sonho, um bluff! Resigne-se à vontade de Deus, o qual deseja que você sofra esse bluff. Agente a sua vida como der, porque

Deus quer assim. Ele tem ou não tem o direito de querer? Quem traça seu futuro é Deus, ou você? E se as coisas acontecem de outro modo sem culpa sua, você tem ou não obrigação de aceitar, de se curvar e de ficar satisfeito?”

Eu era escravo de Maria; logo, precisava aceitar com resignação o meu futuro como ele se abria diante dos meus passos. Tinha que comprimir, em minha alma, esses voos, esses desejos, essas elevações como algo inaceitável, que não exprimia a vontade de Deus. E se fosse desejo do Altíssimo, precisava voltar “para dentro de meu copo”, ou até ir para um “copo” menor do que aquele no qual tinha nascido.

É difícil calcular o abafamento de alma, o desnorreamento causado em mim por essa situação.

Na realidade, Deus dá uma vocação muito grande e depois aparecem as dificuldades. O fato de surgirem essas dificuldades não quer dizer que não se tenha vocação. Pelo contrário, é uma vocação bem-amada de Deus, ao longo da qual Ele provê circunstâncias que não se queria, situações com as quais não se contava, fazendo parecer que nos abandonou... Mas há também um movimento interno de alma que nos diz: “Não, a Providência não nos abandonou. Vamos para a frente!”

### **“Devo ser uma vítima expiatória?”**

Por cima desse, punha-se outro problema. Eu tinha lido o livro *História de uma alma*, de Santa Teresinha do Menino Jesus, o qual me impressionara profundamente com sua narração. Ele parte da ideia de que não se pode fazer para a Igreja Católica nada mais útil do que ser uma vítima expiatória do amor misericordioso de Deus. Quer dizer, os homens pecam e é preciso que outros os ajudem a expiar seus pecados; de maneira tal que com nosso sofrimento Deus perdoe a outros e conquiste outras almas, dando-lhes graças muito grandes, porque nós sofremos.

Santa Teresinha queria morrer assim, como vítima expiatória pelas almas dos outros, e foi atendida. Eu me punha este problema: “Quem sabe se Deus quer que eu seja uma vítima expiatória, ignorada por todos? Noto ter possibilidades, recursos, talvez possa até talentos para ser um homem incomum e prestar grandes serviços à Igreja, mas poderia estar condenado a ser um homem comum, acompanhando a trajetória de um outro que segue um caminho luminoso. Caminho seguido pelo outro, porque sou a vítima que carrega a cruz dele. Não serei mais útil à Igreja e à Contra-Revolução afundando assim nos padecimentos e no anonimato, do que empreendendo a galopada heroica da cruzada que quereria realizar? Então, o que devo esperar de Deus para a minha vida?”

Como toda a minha tendência ia para não ser a vítima expiatória, mas sim o homem que caminhava para o campo de batalha a fim de lutar, eu julgava realizar um sacrifício especialmente grande aceitando ser o contrário do que queria. Eu serviria melhor à Igreja na minha aniquilação do que na minha realização pessoal. Então devia aceitar e voltar para “o meu

próprio copo”, inclinando-me à dura realidade dos fatos. O que Deus queria de mim?

### **Surpresas difíceis na linha da vocação**

Eu me perguntava: “Essa doença que provoca as nevralgias não será, de repente, um câncer ou outra enfermidade qualquer que lhe leva cedo a vida, para outro ganhar a batalha que você ansiava tanto vencer? Agora, eu quero ver como é seu amor a Deus.

*“Quem sabe se Deus quer que eu seja uma vítima expiatória, como Santa Teresinha? O que devo esperar para a minha vida?”*



Santa Teresinha do Menino Jesus no ano de 1896

Você estava muito contente de ser alguém. Você terá a mesma coragem de ser ninguém? Você aceita isso? Até que ponto você é um homem sério? Se for sério, aceitará isso. Se não aceitar, quer apenas representar um papel. Então não vale nada, não ama a Deus e merece ser esquecido por Ele sobre a face da terra”.

Às vezes, aparecem na vocação surpresas difíceis de aguentar. A Providência nos conduz por um caminho, mas nos dá a impressão de termos errado a estrada e de que as vias de Deus talvez sejam outras. Entretanto, é esse o sinal de que Ele nos quer levar por lá.

Por outro lado, a ideia de me oferecer assim me incomodava. Eu fiz o oferecimento, mas parecia-me que alguma coisa não estava bem...

Encontrava-me nessa situação quando, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus situada perto do hotel onde eu morava, no Rio de Janeiro, vejo realizar-se uma feira de livros. Encontrei alguns que me interessaram e comprei-os. Chamou-me atenção especial um cujo título era *O livro da confiança*.

### **“Voz de Cristo, voz misteriosa da graça”**

Não se pode imaginar o efeito que me causou no espírito quando o abri – não lembro se no momento ou se chegando ao hotel – e li as suas primeiras frases: “Voz de Cristo, voz misteriosa da graça que ressoais no silêncio dos corações, vós murmurais no fundo das nossas consciências palavras de doçura e de paz”. Um efeito apaziguante magnífico se fez sentir em minha alma.

Depois o autor continua expondo, mais ou menos nestes termos, a seguinte doutrina: Deus pode fazer uma pessoa caminhar pelas vias mais duras e imprevisíveis, mas, se atendermos à voz de Cristo em nós – voz misteriosa da

graça –, ela murmurará em nossas almas palavras de doçura e de paz.

Aquilo que nos arrebenta e nos trinca, na grande maioria dos casos, não é o caminho que devemos seguir. Haverá um movimento interno em nossas almas o qual nos dará confiança de que será de outra maneira, e nos conduzirá para onde os nossos primeiros anelos nos levavam.

Esse livro produziu em mim um efeito maravilhoso porque, em última análise, dava exatamente a ideia de que, estando sob uma providência especial e pedindo a Deus Nosso Senhor, invocando a intercessão d'Aquela que tudo pode junto a Ele, Nossa Senhora, eu seria atendido.

### ***Ponte abençoada que ajudou a transpor muitos abismos***

E dizia para mim mesmo: “Afim, por vaivéns, de um jeito ou de outro, aquilo que desejo se realizará. Não sou chamado para o caminho de Santa Teresinha. Sinto-me mais bem chamado para a via de Godofredo de Bouillon. Vamos para a frente, por cima de paus e de pedras, por montes, vales e colinas... Vá a estrada por onde for e dê nos descaminhos aparentes que der, preciso confiar, confiar, confiar... ‘Voz de Cristo, voz misteriosa da graça que resso-



Dr. Plínio por ocasião de um evento no Liceu Coração de Jesus, São Paulo, em meados de 1933

*“Vamos para a frente, por montes, vales e colinas... Vá a estrada por onde for e dê nos descaminhos aparentes que der, preciso confiar”*

ais no silêncio dos corações, vós murmurais no fundo das nossas consciências palavras de doçura e de paz’. Doçura e paz traz-me isto. Eu vou rezar, pedir, rezar, pedir...”

Daí vinha-me uma pergunta: “Mas você não estará enganado? Será que se você ficar quieto e for heroico, não pedindo nada a Nossa Senhora, realizará mais do que pedindo? Pedindo, Ela dá. Entretanto, às vezes Ela concede o que não quereria dar. Não peça nada e deixe tudo acontecer”.

Eu não soube resolver o problema e pensei, então, da seguinte maneira: “Pedirei, mas com a condição de que se faça a vontade d’Ela e não a minha. Se a vontade que há em mim é também a d’Ela, faça-se! Eu peço, peço, peço!”

Encontrei um equilíbrio no meio de um torvelinho medonho.

O livro da confiança foi a ponte admirável e abençoada que me ajudou a passar por não sei quantos abismos, até encontrar algum sinal que indicasse realmente estar eu no caminho certo e andando para a frente. ✧

Extraído de: *Conferência*.  
São Paulo, 13/5/1989

<sup>1</sup> Situada no centro antigo de São Paulo.

### **Vista da Ponte Bastei - Alemanha**



SANTA EDWIGES

## Destinada ao combate e à vitória

Edwiges aprendeu com o Divino Mestre a dispensar às criaturas um amor puro e sobrenatural, que a fez lutar varonilmente pelo progresso da Santa Igreja e pela santificação das almas em seu tempo.



Reprodução

✦ Ir. Giovana Wolf Gonçalves Fazzio, EP

“**M**ulher destinada ao combate e à vitória”, eis o significado do nome Edwiges. Duquesa de feições finas e porte delicado, ela fez jus ao significado de seu nome, pois soube travar a luta da resignação diante dos desígnios de Deus e enfrentar com varonilidade os sofrimentos que assolavam seu país, razão pela qual a chamaram de “mulher forte do Evangelho”.

### *Flor da nobreza europeia*

Edwiges foi a segunda filha de Bertoldo IV, Conde de Andechs, Meran e Tirol, e Inês, filha do Conde Rotlech, Marquês do Sacro Império, cuja genealogia remontava ao próprio Carlos Magno.

O casal teve outros seis filhos, entre eles Inês, que se casou com Felipe Augusto, rei da França, e Gertrudes, que desposou André, filho de Santa Isabel da Hungria e rei desta nação. Tais matrimônios proporcionaram a Edwiges relações com várias das casas reais europeias.

### *Infância permeada de inocência e castidade*

Não se sabe exatamente o dia do ano de 1174 que viu nascer Edwiges. Criança de caráter extremamente afável, mas muito sério e nobre, desde o berço demonstrou uma enorme inclinação à inocência e à castidade, qualidades tão escassas nos meios faustosos da corte e que ela conservaria por toda a vida.

Ao completar seis anos, foi confiada aos cuidados das monjas beneditinas do mosteiro de Lutzing, a fim de

*Criança de caráter extremamente afável, mas muito sério e nobre, passava longas horas aos pés de alguma imagem de Nossa Senhora*

adquirir o conhecimento religioso e cultural que sua condição exigia. Em pouco tempo as freiras notaram na menina uma inteligência penetrante, bem como inúmeros dotes: o de fazer iluminuras, bordar, cantar e tocar vários instrumentos. No período passado no convento, também estudou as Sagradas Escrituras, dedicou-se a cuidar dos doentes e aprendeu a organizar jardins e hortas. Entretanto, as delícias de sua alma estavam em passar longas horas na igreja ou aos pés de alguma imagem de Nossa Senhora.

### *No matrimônio, virginalidade de alma*

Aos doze anos, ela já adquirira uma maturidade exemplar. A nobreza de sangue, a bela aparência e a rutilante inteligência tornavam-na uma dama cobiçadíssima para o matrimônio. Entretanto, seu maior desejo era o de permanecer virgem e consagrar-se inteiramente a Deus.

Os desígnios da Providência, contudo, são misteriosos e impenetráveis! Por meio do casamento com o

Príncipe Henrique I da Silésia, quis o Senhor unir na alma de Edwiges duas qualidades que parecem opostas aos olhos do mundo: a virginalidade de alma e a maternalidade.

Mesmo sendo uma esposa dedicada e mãe afetuosíssima, ela conservou intacta a pureza de sua alma, como se nunca houvesse se ligado a alguém pelos laços humanos, vivendo continuamente em função de Deus. Ela aprendeu com o Divino Mestre a ciência de amar as criaturas com um afeto puro e sobrenatural, de modo que conservou a castidade de coração até o fim da vida.

### **Formando a imagem de Cristo na alma do esposo**

Após o casamento, ela deixou o palácio de seus pais na Alemanha e foi morar junto a Henrique, na Silésia, região da Polônia medieval.

Essa mudança foi muito brusca para a jovem. A Polônia daquela época ainda emergia do barbarismo e os costumes do povo eram muito rudes em relação aos de sua terra natal. Teve ela de fortificar o coração para enfrentar os sofrimentos de sua nova condição, esforço logrado com tanto êxito que foi considerada “a primeira princesa alemã que conseguiu se adaptar ao inóspito solo da Polônia”.<sup>1</sup> Em pouco tempo, ela cativou nobres e servos pela doçura e retidão com que os tratava.

Sua primeira missão foi compreender o gênio do esposo para melhor servi-lo, saindo-se tão bem nesse empreendimento que acabou por lhe ganhar completamente o coração.

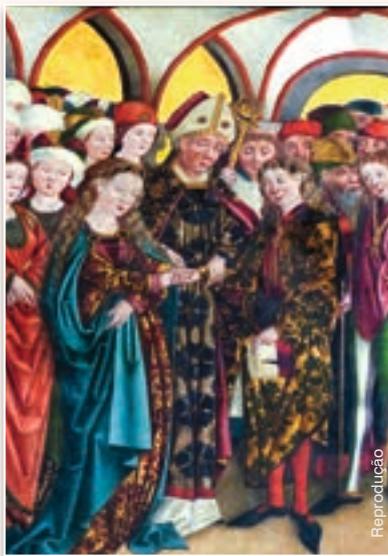
Henrique era corajoso, severo consigo mesmo e generoso, mas sua instrução religiosa deixava muito a desejar. Tampouco sabia rezar... Edwiges, que o amava tanto quanto é possível nesta terra, preocupou-se sobretudo por sua alma. Ela se tornou sua catequista e mestra, ensinando-lhe a prática da oração e dos bons costumes. A cada dia que passava, Henrique tinha

mais razões para confiar em sua santa esposa, e seu coração foi pouco a pouco levado a Deus pelo amor e dedicação dela.

### **Voto de castidade perfeita**

Abençoado em frutos foi o matrimônio de Edwiges, pois teve seis filhos. Após nascer o último, ela e Henrique fizeram voto de castidade perfeita, selando a promessa secretamente nas mãos de um Bispo. Quando o fato se tornou público, resolveram morar em residências separadas a fim de evitar escândalo e, a partir de então, sempre se encontraram acompanhados de testemunhas.

*Mesmo sendo uma esposa dedicada e mãe afetuosíssima, ela conservou intacta a pureza de sua alma e a castidade do coração*



Casamento de Santa Edwiges e Henrique I - Igreja de Santa Catarina, Brandemburgo (Alemanha)

Edwiges trasladou-se para um mosteiro de monjas cistercienses que seu marido havia construído em Trebnitz, atual Alemanha. Henrique, arrastado pelo exemplo da esposa, começou a levar vida de religioso ainda no mundo. Cortou o cabelo em forma de tonsura e deixou crescer a barba;<sup>2</sup> adquiriu tão profunda humildade e ardente devoção que o consideravam santo.

Com muita admiração os circunstantes podiam ver uma princesa jovem, repleta de dons e estimada por todos viver mais como religiosa do que como nobre. Ela tinha como lema que quanto mais ilustre fosse a origem, tanto mais era preciso distinguir-se pela virtude; quanto mais alta fosse a posição social, tanto maior a obrigação de edificar o próximo pelo bom exemplo. E soube praticá-lo eximamente.

### **Padroeira dos desvalidos, pobres e endividados**

Nessa nova vida que encetara, Edwiges não quis fazer voto de pobreza com um objetivo muito concreto: continuar ajudando os outros com seus bens. Era riquíssima, mas vivia com uma renda mínima para si; com o restante socorria os pobres e construía hospitais, escolas, igrejas e mosteiros. Por inúmeros gestos de caridade que atravessaram os séculos, ela é considerada padroeira dos desvalidos, pobres e endividados.

Contudo, sua maior obra de misericórdia talvez tenha sido empregar seu poder e influência política para expandir a Igreja e salvar as almas. Era verdadeiramente lamentável o estado religioso em que encontrava o povo e inclusive muitos membros do clero. Edwiges não via barreiras: lançava-se em ousados empreendimentos, gastava sua fortuna, exortava os clérigos, a fim de ver brilhar na alma de todos os seus súditos a verdadeira doutrina católica. Por esse motivo é comum representá-la com a coroa sobre as Sagradas Escrituras, significando que

seu poder e riqueza estavam apoiados na Fé, ou com uma igreja nas mãos, devido à sua preocupação em expandir e proteger a Esposa Mística de Cristo.

### ***Magnanimidade e fortaleza diante dos infortúnios***

“A serva de Deus sabia que as pedras vivas, empregadas na construção da Celeste Jerusalém, devem ser polidas neste mundo pelo golpes e aflições e que as muitas tribulações são necessárias para se passar para a suprema glória”.<sup>3</sup> Sim, Santa Edwiges descobriu o segredo que há por trás da Cruz! E não esmoreceu diante da dor e dos sacrifícios que Deus lhe pediu.

Uma série de calamidades abateram-se sobre essa nobre alma. Em 1237, seu filho Conrado morreu atacado por uma fera enquanto caçava. Nesses mesmos dias, ainda imersa em dores, chorou a morte de outro filho, Boleslau.

Como se isso não bastasse, seu marido caiu prisioneiro do Príncipe Conrado de Plock, durante a guerra. Cheia de coragem, ela se apresentou pessoalmente diante deste para conseguir a libertação do esposo. Conrado nunca havia se deixado intimidar por ninguém, “mas, quando viu diante de si a Duquesa Edwiges, o homem tremeu. Parecia-lhe ter diante de si um Anjo a ameaçá-lo. Sem exigir resgate libertou o prisioneiro”.<sup>4</sup>

Pouco tempo depois Henrique que partiu para a região de Crosna, na Polônia. Atacado por um mal súbito, veio a falecer no ano de 1238. A notícia de sua morte consternou as religiosas do mosteiro de Trebnitz. A única que permaneceu serena foi Edwiges, que procurava confortar as demais: “Por que vos queixais da vontade de Deus? Nossas vidas estão em suas mãos, e tudo o que

Ele faz está bem feito, mesmo quando se trata de nossa própria morte, ou da morte de nossos entes amados”.<sup>5</sup>

### ***Uma santa penitente e rica em dons***

Santa Edwiges tinha costumes extremamente austeros. Normalmente passava o dia a pão e água, ou comia apenas alguns legumes cozidos; durante quarenta anos absteve-se de carne. Depois de sua morte, sua nora

*Santa Edwiges descobriu o segredo que há por trás da Cruz, e não esmoreceu diante da dor e dos sacrifícios que Deus lhe pediu*



“Santa Edwiges reconcilia o Príncipe Conrado Plock e Henrique I”, por Feliks Sypniewski

Ana depôs diante de autoridades eclesiásticas que, “de todas as vidas de santos penitentes que lera, jamais encontrou quem superasse sua sogra na penitência”.<sup>6</sup>

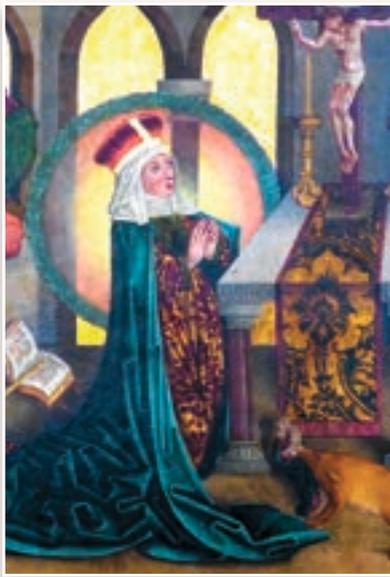
Ela costumava andar descalça até a igreja, mesmo sobre a neve. Mas como não gostasse que os outros vissem seu sacrifício, sempre levava nas mãos os sapatos e os colocava quando se deparava com alguém. Certo dia uma criada que a acompanhava começou a queixar-se do frio. Edwiges disse-lhe então para pôr os pés sobre suas pegadas. A mulher começou a sentir um grande calor que lhe invadia todo o corpo.

A Providência ornou a alma dessa dama tão generosa com inúmeros favores, entre eles o dom de profecia e de revelação das coisas ocultas, que lhe tornava presentes acontecimentos que se davam a muita distância. Previu guerras e calamidades que assolariam seu país, curou cegos e outros enfermos. Muitas vezes foi surpreendida em profundo êxtase, envolvida por uma luz tão forte que chegava a ofuscar os que presenciavam o fenômeno.

### ***Íntima união com Nosso Senhor Jesus Cristo***

Santa Edwiges sempre evitou que o mistério de sua íntima união com o Senhor se tornasse conhecido. Entretanto, tal era o fervor que a invadia que não conseguia reprimir os suspiros, “gritos de amor e cantos de alegria que escapavam de seu coração para saudar seu Divino Noivo”.<sup>7</sup>

Certa vez uma freira, desejosa de saber o que ela fazia na igreja quando ali permanecia sozinha por longas horas, escondeu-se no coro, do qual presenciou uma cena admirável: depois de oscular cada assento usado pelas freiras para o canto



*Quando o dia de sua morte estava próximo, o Senhor a fez antegozar a felicidade do Paraíso, como prêmio por sua fidelidade*

À esquerda, Jesus Crucificado abençoa Santa Edwiges; à direita, morte da Santa entre as religiosas de Trebnitz - Igreja de Santa Catarina, Brandemburgo (Alemanha)



do Ofício, ajoelhou-se diante do altar da Santíssima Virgem, acima do qual havia um crucifixo, e ali permaneceu com os braços abertos em forma de cruz. Enquanto assim rezava, o braço de Cristo desprendeceu-se do madeiro e lhe abençoou dizendo: “Tua oração foi ouvida, obterás a graça que Me pedes”.<sup>8</sup> Assim ela conquistava o Coração de Deus com seu amor e orações.

### **Batalha contra os demônios**

Para provar a seu Celestial Esposo sua fidelidade e amor, ela teve de ser exposta a uma terrível provação. Os demônios lhe apareciam em formas horríveis e a espancavam, repetindo com voz furiosa: “Por que você é tão santa?” Nesses momentos ela via suas forças misteriosamente paralisadas, enquanto tudo ficava imerso em escuridão e abandono. As portas do abismo se abriam diante da duquesa e as tentações mais delicadas se apre-

sentavam. Todas as paixões que havia reprimido durante anos lhe assaltavam o espírito: ira, ódio, inveja... Se ela não soubesse que uma mão invisível a sustentava, logo desesperaria. Edwiges, contudo, suportava tudo pacientemente. Quando o tempo da prova cessou, aquela mesma mão divina a elevou, conduzindo-a de novo ao reino da luz.

Como se aproximasse o dia de sua morte, o Senhor lhe fez antegozar a felicidade do Paraíso em prêmio por sua fidelidade durante os assaltos dos infernos: muitos cidadãos da Jerusalém Celeste vieram lhe visitar. No dia da natividade da Santíssima Virgem, Catarina, sua fiel servidora, testemunhou uma cena maravilhosa: viu entrar em seu quarto vários bem-aventurados. Cheia de alegria, ela os saudava: “Queridos Santos, sejam bem-vindos! Santa Maria Madalena, Santa Catarina, Santa Tecla, Santa Úrsula!”<sup>9</sup>

### **Morte e canonização**

Por fim soou a hora de Edwiges entregar sua alma a Deus. Era o dia 15 de outubro de 1243. No leito em que estava, de tempos em tempos abria seus olhos azuis para elevá-los ao céu e pronunciar o divino nome de Jesus. Enquanto as irmãs entoavam Salmos, ela olhou mais uma vez para o céu e, sem estertores, deu seu último suspiro neste vale de lágrimas. Seu corpo sofreu então um assalto por parte das religiosas: umas cortavam as unhas; outras, os cabelos; outras, pedaços de sua roupa.

Durante muito tempo o povo polonês chorou a perda de sua mãe. Mas ela não haveria de abandonar aqueles que tanto amara na terra. Milagres e mais milagres se sucederam.

No dia 15 de outubro de 1267, apenas vinte e quatro anos depois de sua morte, o Papa Clemente IV, que obtivera ele próprio um milagre por sua intercessão, a inscreveu no catálogo dos Santos. ✧

<sup>1</sup> KNOBLICH, August. *Histoire de Sainte Edwige. Duchesse de Silésie et de Pologne*. Tournai: H. Casterman, 1863, p.37.

<sup>2</sup> Por essa razão, até hoje é conhecido como Henrique I, o Barbudo.

<sup>3</sup> DA VIDA DE SANTA EDWIGES. Escrita por um contemporâneo. In: COMISSÃO EPISCOPAL DE TEXTOS LITÚRGICOS. *Liturgia das Horas*. São Paulo: Vozes;

Paulinas; Paulus; Ave-Maria, 1999, v.IV, p.1383.

<sup>4</sup> MONTANHESE, Ivo. *Vida de Santa Edwiges*. 24.ed. Aparecida: Santuário, 2012, p.37.

<sup>5</sup> BUTLER, Alban. *Vida de los Santos*. Cidade do México:

Collier's International, 1965, v.IV, p.127-128.

<sup>6</sup> MONTANHESE, op. cit., p.71.

<sup>7</sup> KNOBLICH, op. cit., p.230.

<sup>8</sup> Idem, p.231.

<sup>9</sup> Idem, p.280.

# Apóstolo do amor no Vietnã

“Não consegui encontrar ninguém a quem pudesse confiar meus pensamentos. Por isso, tive de aguentar tudo em silêncio até o dia em que encontrei minha irmã Santa Teresinha!...”



✠ Ir. Elizabeth Veronica MacDonald, EP

“**M**eu Deus, se as coisas são assim, desisto!” Corria o mês de outubro de 1942. Após dizer isso, um jovem de quatorze anos dirigiu-se à sala de estudos do seminário de Quảng-Uyên, cuidado por dominicanos franceses. Apesar de seu feito simples, simpático e até carismático, encontrava-se atormentado e aflito.

Para um rapaz como ele, que lutava com unhas e dentes a fim de conquistar seu ideal, constatar que não seria capaz de fazê-lo era uma decepção insuportável; a ideia de ser obrigado a render-se o abalava.

Joachim Nguyen tan Van queria ser santo, tornando-se sacerdote. Desde seus três anos de idade, seguia sua mãe em casa e pelo arrozal, importunando-a: “Mãe, faça de mim um santo!” Aos oito, deixara a vida familiar, nos arredores de Hanói, para ir em busca de seu objetivo.

Em meio às reviravoltas, muitas vezes cruéis, que desde então Van atravessou, a Providência nunca cessou de falar a seu coração; os apelos à intimidade com Jesus eram-lhe insistentes. “Mas havia este problema”, escrevia em seu diário: “Apesar do

meu grande desejo de alcançar a santidade, eu tinha a certeza de que nunca conseguiria, pois para ser santo era preciso jejuar, aplicar a disciplina, levar uma pedra ao pescoço”<sup>1</sup>.

Adolescente típico de seu tempo – quase o nosso –, suas escassas leituras espirituais o deixaram com uma ideia apoteótica da santidade, que extrapolava suas capacidades e ânimo. Sobretudo incomodava ao rapaz a imagem, tantas vezes lhe apresentada, de um Deus exigente e punitivo, do qual o pecador, sendo miserável, não podia se aproximar. “Cheguei à conclusão de que meu desejo de santidade era pura loucura”, afirmou.<sup>2</sup>

Tais pensamentos causavam-lhe intenso pesar, pois bem diversas eram suas aspirações: “De acordo com minha ideia pessoal, queria que minha vida de santidade se conformasse ao pensamento de Santo Agostinho: ‘Ama e faze o que quiseres’. Sim, desejava que todas as minhas ações, todos os meus gestos fossem dedicados ao serviço de Deus, para chegar Àquele que é a perfeição absoluta”<sup>3</sup>.

Com efeito, Van via-se envolto num dilema: “Eu estava em busca, portanto, de um santo da minha imaginação.

Mas onde estaria ele escondido, para que eu não conseguisse encontrá-lo em nenhuma parte? Eu não ousaria inventar uma nova via. Então, o que fazer?”<sup>4</sup>

## *Mais do que um livro... uma solução!*

Nessa encruzilhada espiritual, entrou Van na sala de estudos naquela tarde de 1942, depois de ter se lançado aos pés de uma imagem de Nossa Senhora, sua “salva-vidas” em tantas aflições, implorando-Lhe um sinal, um conselho, o recobro da paz.

Especificamente, havia pedido à Santíssima Virgem que lhe indicasse um livro interessante. Embaralhando, então, alguns volumes sobre uma mesa, propôs-se a ler aquele sobre o qual seu dedo indicador pousasse primeiro, ao acaso. Fechou os olhos...

Num gesto de franca decepção, Van deixou cair o livro sorteado sobre a mesa, produzindo ruído. *História de uma alma...* Quem seria essa Santa Teresinha do Menino Jesus? De onde viera? Pensava com seus botões: “Decerto, desde seu nascimento até o último suspiro, teve muitos êxtases e realizou vários milagres;

jejuava a pão e água, tomando apenas uma refeição por dia...”<sup>5</sup>

Contudo, como havia se comprometido, começou a folheá-lo. Logo ficou absorto. Pulou até o último capítulo e decidiu lê-lo com seriedade. Depois de apenas duas páginas, seus olhos se embaçaram. Lágrimas de arrependimento correram-lhe pela face por ter desprezado o livro, e seu coração inundou-se de alegria e alívio diante de uma maravilhosa descoberta:

“Então, tornar-se santo não é apenas andar pelo caminho dos ‘Santos de outrora’. Há muitos caminhos que levam à santidade! O que me comoveu por inteiro foi este raciocínio de Santa Teresinha: ‘Se Deus apenas Se humilhasse diante das mais belas flores, símbolos dos Santos Doutores, seu amor não seria um amor absoluto, pois a característica do amor é humilhar-se até ao limite extremo. [...] Assim como o sol ilumina igualmente os cedros e as florezinhas, da mesma maneira a Divina Estrela brilha sobre todas as almas, grandes ou pequenas’. Oh, quão lógica, quão profunda é a simplicidade! [...] Encontrei nestas



**Após ler a “História de uma alma”, Van decidiu tomar Santa Teresinha do Menino Jesus como irmã**

Ir. Marcel Van em Hanói, no Vietnã, entre os anos 1954-1955; na página anterior, panorama no norte do Vietnã

palavras a chave que me abriu um caminho reto e aprazível, que conduzia diretamente ao cume da perfeição”.<sup>6</sup>

Seu coração tornou-se cheio, e sua alma, leve; mas naquele momento não podia ler mais, pela simples razão de que suas lágrimas haviam encharcado as páginas, colando-as umas nas outras... Ele teve de se resignar a fechar o livro.

### **“Unidos no único amor de Deus”**

Nos dias subsequentes, Van e *História de uma alma* tornaram-se inseparáveis. O rapaz sentia sua alma consonar com cada “sim” e cada “não” de Teresinha, com cada dor e cada alegria.

De início, ele se dirigia à autora do livro com o título de “Santa”. Após algum tempo, começou a sentir a necessidade de tratá-la com intimidade, como um irmão mais novo trata sua irmã mais velha, mas não se atrevia a fazê-lo até que leu na autobiografia o trecho em que Teresinha narra o falecimento da mãe. Nesta ocasião, ela disse, referindo-se à sua irmã mais velha: “Quanto a mim, é Paulina que será minha mãe”. Tomado então por uma inspiração da graça, de joelhos Van declarou em fórmula simples e sincera: “Para mim, é Teresinha que será minha irmã”.

Sobre essa ocasião, Van relata: “Assim que disse essas palavras, minha alma foi invadida por uma tal corrente de felicidade que fiquei atordoado [...]. Fui dominado inteiramente por uma força sobrenatural que inundou minha alma com uma felicidade indescrevível”.<sup>7</sup> Arrebatado por essa graça mística, deixou ele a capela onde estava e pôs-se a correr por todos os lados, transbordando de uma alegria “que só podia expressar com grande variedade de canções e mil pulos infantis”.<sup>8</sup> E acrescenta: “Eu pulava de pedra em pedra, [...] dando largas à minha felicidade, cantando ao vento todas as músicas que conhecia de cor em vietnamita, tailandês, francês e chinês”.<sup>9</sup>



Fotos: Reprodução

### **A resposta não tardou: “A partir de agora você será meu irmãozinho!”**

Santa Teresinha do Menino Jesus em 1896

Por fim, esgotado de tanto saltitar “como um louco, ou melhor, como uma borboleta levada pelo vento”,<sup>10</sup> mas ainda tomado de júbilo, deitou-se sobre uma pedra e começou a analisar, com certa vergonha, sua atitude: “Será que eu perdi a cabeça? Se não, por que estou tão cheio de alegria?”<sup>11</sup>

De súbito, uma voz desconhecida chamou-o pelo nome:

— Van, Van, meu querido irmãozinho!

Van deu um salto, desta vez de susto! O jovem olhou ao redor, convencido de que alguém estava ali, mas perplexo com o tratamento familiar, uma vez que ouvira uma voz feminina.

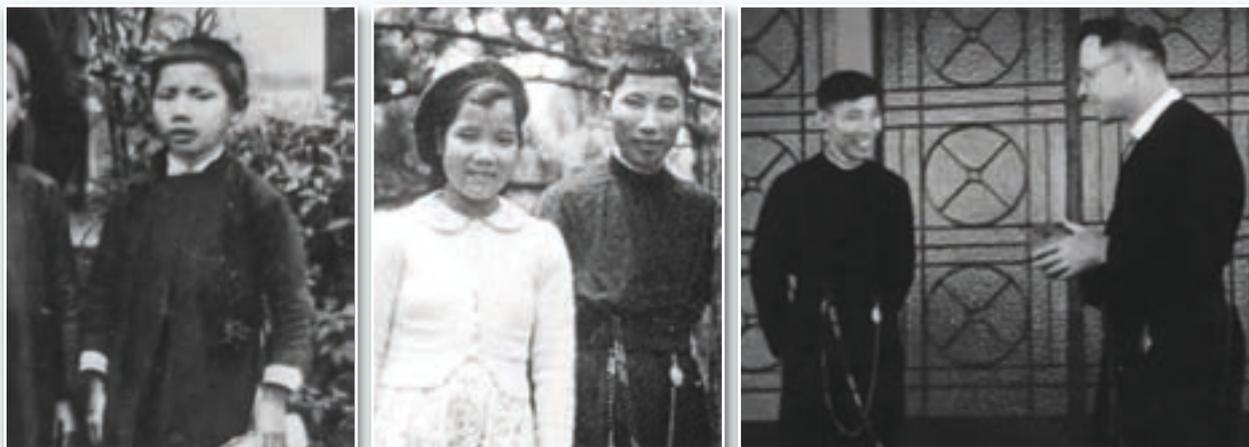
— Van, meu querido irmãozinho!

A voz era suave como a brisa que passa. Percebendo, então, sua origem sobrenatural, Van exclamou com entusiasmo:

— Oh! É a minha irmã Santa Teresinha!

A resposta não demorou:

— Sim, é realmente sua irmã Santa Teresinha que está aqui. Mal ouvi sua voz, entendi a fundo seu coração inocente e puro. Vim aqui para responder às suas palavras, que ecoaram em meu coração. Irmãozinho! A partir de agora você será meu irmãozinho, assim como



**Amparado por Santa Teresinha, Van passou a vislumbrar a misericórdia de Deus em tudo. Ele compreendeu que existe uma forte conexão de almas e missões entre a Igreja Gloriosa e a Igreja Militante**

Da esquerda para a direita: Marcel Van com doze anos de idade; com sua irmã Anne Marie Te, por ocasião da profissão dos votos perpétuos em setembro de 1952; com o Pe. Antônio Boucher, seu diretor espiritual na Congregação do Santíssimo Redentor

“você me escolheu para ser sua irmã mais velha. De agora em diante, nossas almas não estarão mais separadas por nenhum obstáculo, como antes. Elas já estão unidas no único amor de Deus.

### **Semelhança de missões**

Apesar de sua infância turbulenta, marcada pela pobreza e pelas perseguições, o sofrimento que mais magoou o coração de Van sempre foi seu profundo isolamento: “Não consegui encontrar ninguém a quem pudesse confiar meus pensamentos. Por isso, tive de aguentar tudo em silêncio até o dia em que encontrei minha irmã Santa Teresinha na colina do Quàng-Uyên”.<sup>12</sup> A Santa da pequena via operou por Van, em um intenso, íntimo e duradouro relacionamento – fielmente relatado por ele em seus escritos –, um milagre admirável: por meio de um ameno convívio, fê-lo entender um pouco do amor do Pai.

Amparado por Teresinha, Van passou a vislumbrar a misericórdia de Deus em tudo. Ele compreendeu – e nos convence! – que não há separação entre o Céu e a terra, e que existe uma forte conexão de almas e missões entre a Igreja Gloriosa e a Igreja Militante. Assim acontecia com ele, conforme lhe assegurou sua protetora: “Teresi-

nha sempre foi sua Teresinha, e você, Van, foi igualmente o pequeno irmão de Teresinha desde o momento em que existimos, nós dois, no pensamento de Deus”.<sup>13</sup>

Estando Van mais amadurecido, a própria Santíssima Virgem deu-lhe uma visão mais clara sobre essa vinculação de missões. Em uma comunicação de 4 de janeiro de 1946, Maria lhe disse: “Não sabes, que mais tarde, no Céu, terás uma missão semelhante à de tua irmã Teresinha? Você será como uma segunda Teresinha do Menino Jesus. A primeira lhe ensinou a maneira de entrar em relação com o amor de Jesus; quanto à segunda” – referindo-se a Van –, “ela ensinará às almas a maneira de entrar em relação comigo e expandir meu reinado no mundo. [...] Seu papel, meu filho, não consistirá em ser o apóstolo do meu Reino, mas sim em ajudar os apóstolos deste reinado”.<sup>14</sup>

### **Uma grande renúncia...**

Teresinha guiou com maestria essa alma fraca, mas fiel, desvendando panoramas que lhe moviam a vontade e mudavam a mentalidade. Em alguns momentos, ela ouviu Van com paciência; em outros, dá-lhe conselhos claros. Às vezes, chama-lhe a atenção

com gracejo, dizendo que não se deve chorar tão prontamente... Ela chega a cantar e escrever versos para ele!

Ora, como emissária da vontade divina junto à sua alma, Teresinha teve também de comunicar a Van, certo dia, uma delicada e difícil mensagem: ele não seria sacerdote. A notícia causou ao jovem uma imensa dor e arrancou-lhe um pranto copioso. Desejando animá-lo, sua protetora assegurou-lhe que seus anelos apostólicos seriam cumpridos mesmo fora do estado sacerdotal, por meio de orações e sacrifícios, assim como ela própria realizara sua vocação: “Irmãozinho, alegre-se e regozije-se por ter sido colocado entre o número dos ‘Apóstolos do amor de Deus’, que têm o privilégio de estar escondidos no coração de Deus para serem a força vital dos apóstolos missionários”.<sup>15</sup>

### **Ingresso na vida religiosa**

Essa notícia iniciou na vida de Van uma nova fase. Seu destino precisava ser decidido e, para isso, Teresinha recomendou-lhe que recorresse à Santíssima Virgem pedindo para saber em que congregação religiosa deveria ingressar.

Duas semanas depois, Van teve um sonho simbólico a esse respeito: viu, de

repente, alguém vestido de negro que se aproximava da cabeceira de sua cama, sorridente e luminoso, com uma beleza sobrenatural deslumbrante. Acariciando-o, a figura lhe indagou muito gentilmente: “Meu filho, tu queres?” Não podendo identificar a pessoa e sentindo-se arrebatado por sua bondade indescritível, Van logo pensou tratar-se de Nossa Senhora, mais precisamente da Virgem Dolorosa, por causa da vestimenta, e respondeu com entusiasmo: “Sim, minha Mãe, eu quero!”

Esse sonho inundou de alegria o coração de Van, embora ele ainda não soubesse seu significado. Ao narrá-lo à sua irmãzinha, ela apenas lhe disse, sorrindo: “Peça a Nossa Senhora que lhe explique”.<sup>16</sup> Aparentemente, porém, isso não aconteceu e Van continuou em busca de sua vocação.

Ele já havia pensado em se tornar dominicano, ou mesmo cisterciense, mas nenhum desses carismas preenchiam sua alma. Ora, poucos dias depois do sonho, encontrou ele em uma parte da casa uma revista intitulada *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*, publicada pelos padres redentoristas, e começou a ler vários artigos que tratavam a respeito de Maria Santíssima. Sobre o efeito dessa leitura, afirma ele em suas memórias: “Eu comecei a entender e amar a congregação pela simples razão de que os redentoristas possuíam uma especialíssima devoção à Bem-Aventurada Virgem”.<sup>17</sup> A partir de então, passou a desejar de toda a alma fazer parte da Congregação do Santíssimo Redentor.

Santa Teresinha apoiou-o de imediato nessa decisão: “Você deseja en-

trar para os redentoristas? Muito bem, irmãozinho. Essa é precisamente a congregação em que a Virgem Maria deseja que você entre”.<sup>18</sup> De fato, vencidas algumas dificuldades, Van entrou no noviciado redentorista em Hanói, no dia 15 de agosto de 1945, recebendo o nome de Marcel.

Certo dia, entrando na capela para uma breve visita ao Santíssimo Sacramento, viu sobre um pedestal uma imagem de Santo Afonso Maria de Ligório, fundador da congregação. Vendo-o vestido da mesma forma como Nossa Senhora das Dores em seu so-



Francisco Lecaros

**Quem aparecera a Van em sonho foi o próprio Santo Afonso, que o chamava para ser seu filho**

Santo Afonso Maria de Ligório - Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Granada (Espanha)

nho, e fazendo os mesmos gestos que Ela fizera estando na cabeceira de sua cama, surgiu-lhe uma forte dúvida: teria sido mesmo a Virgem Maria a figura misteriosa que lhe acariciara? De súbito, Santa Teresinha lhe disse, com muita amabilidade: “Não há mais dúvida, irmãozinho. A pessoa que lhe apareceu naquela noite e que você pensou ser Nossa Senhora das Dores era seu bondoso pai, Santo Afonso!”<sup>19</sup> Ficava assim confirmada, mais uma vez, a sua escolha e a autenticidade de seu chamado.

### **Místico, apóstolo e confessor da fé**

Seu diretor espiritual na congregação, o sacerdote canadense Pe. Antônio Boucher, impressionado com o jovem religioso em quem a graça operou maravilhas, aconselhou-o a escrever o seu itinerário espiritual, o que resultou num volumoso texto vietnamita, dividido em quase novecentas páginas de cadernos estudantis. Convencido de que Van tinha uma mensagem para a Igreja e para o mundo, o Pe. Boucher trabalhou com esmero durante anos em traduzir esses escritos para o francês. Graças a isso, hoje temos à disposição seus ensinamentos de grande profundidade teológica e mística.

Durante quase dez anos, Marcel realizou um frutífero apostolado. Tendo voltado a Hanói – já ocupada pelos comunistas – a fim de ajudar seus irmãos, foi preso em 1955. No dia 10 de julho de 1959, faleceu extenuado pelos maus-tratos recebidos, mas, segundo seu desejo mais ardente, consumido pelo amor ✧

<sup>1</sup> MARCEL VAN. *The Autobiography of Brother Marcel Van*. Leominster: Gracewing, 2006, p.224.

<sup>2</sup> Idem, p.225.

<sup>3</sup> Idem, ibidem.

<sup>4</sup> Idem, ibidem.

<sup>5</sup> Idem, p.227.

<sup>6</sup> Idem, p.228.

<sup>7</sup> Idem, p.234.

<sup>8</sup> Idem, ibidem.

<sup>9</sup> Idem, ibidem.

<sup>10</sup> Idem, ibidem.

<sup>11</sup> Idem, ibidem.

<sup>12</sup> Idem, p.67.

<sup>13</sup> Idem, p.236.

<sup>14</sup> MARCEL VAN. *Conversations with Jesus, Mary and Thérèse of the Child Jesus*. Leominster: Gracewing, 2008, p.109.

<sup>15</sup> MARCEL VAN, *The Autobiography of Brother Marcel Van*, op. cit., p.259.

<sup>16</sup> Idem, p.264.

<sup>17</sup> Idem, p.266.

<sup>18</sup> Idem, ibidem.

<sup>19</sup> Cf. Idem, p.265.



# Inocência por toda a vida

A virtude da inocência jamais diminuiu na alma de Dona Lucilia, manifestando-se ora em estado de tranquilidade, ora em posição de combate, desde a infância.

✦ **Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP**

**O**s Ribeiro dos Santos, família na qual nasceu Lucilia, tinham um feição eminentemente tradicional e eram monarquistas pelas mesmas fibras de alma que os faziam católicos; as disposições afetivas e psicológicas pelas quais se sentiam em casa no ambiente monarquista eram semelhantes às que possuíam quando iam à igreja. Guardadas as devidas proporções, o modo de se prepararem para receber o Santíssimo Sacramento, por exemplo, tinha muito de análogo à expectativa que se criava na casa quando iam encontrar-se com algum membro da família imperial. A presença de Da. Gabriela, a matriarca, acentuava estes sentimentos.

## *Recebendo a visita do imperador*

Em 1878, viajando pela Província de São Paulo, Dom Pedro II visitou a família Ribeiro dos Santos em Pirassununga, onde então ela residia. Conduzido por luxuoso trem da Companhia Paulista, na viagem de inauguração do ramal ferroviário, o imperador desceu na estação provisó-

ria, ainda de madeira, onde o esperavam as notabilidades locais.

Da. Teresa Cristina, entretanto, não acompanhou seu imperial esposo, permanecendo no vagão, onde recebeu Da. Gabriela, que levava consigo a pequena Lucilia. Procurando ser amável com a mãe, disse à menina:

— Minha filha, eu conheci seu avô, foi ele quem me ensinou a dançar.

Com efeito, por ocasião de um baile na corte, o Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, avô materno de Dona Lucilia, teve a gentil ousadia de convidá-la para dançar, o que esta nunca fizera. Instantes antes, com jeito e distinção, conseguira que a imperatriz, defeituosa de um dos pés, aprendesse a dar passos de dança sem que se lhe notasse a incorreção no andar. Da. Teresa Cristina se houve bem e o fato teve o maior sucesso na corte.

Durante o encontro na casa de Dr. Antônio, pai da pequena Lucilia, Dom Pedro II – figura de aspecto patriarcal – a trouxe para junto de si e distraidamente, enquanto conversava, passava a mão entre seus cabelos, desfazendo-lhe um a um os frisados cachos. Percebendo desmanchar-se aos

poucos o esmerado penteado, Lucilia deu mostras de querer protestar, mas encontrou – severo e fixo – o olhar de seu pai, a lhe insinuar que nada deveria dizer...

A visita do imperador era, entretanto, uma exceção naquela vida estável. Mas, para os Ribeiro dos Santos, outras também havia: as viagens a São Paulo.

## *A insipidez do dia a dia interrompida pelas idas à capital*

Embora Pirassununga estivesse experimentando um crescimento realmente digno de nota, e já se pudesse encontrar, nas numerosas casas de comércio, todo o necessário para a vida diária, os Ribeiro dos Santos se habituaram a visitar a capital, não só para rever os parentes, mas também para comprar objetos finos e importados.

Era encantador o modo como Dona Lucilia, mesmo na extrema ancianidade, narrava com luminosa memória os múltiplos detalhes das viagens da família a São Paulo. Dizia ela:

“Mamãe planejava com muito cuidado cada ida à capital da província. Tudo era muito bem-feito. Havia

umas canastras de vime, fechadas, nas quais eram colocados os alimentos, especialmente preparados para o percurso”.

O caminho para a estação, as despedidas, os vagões muito bem arrumados, o pitoresco trajeto e, finalmente, a chegada à capital, tudo nos lábios de Dona Lucília se tornava como que feérico e legendário. Tudo narrava de modo tão leve e cativante, que o ouvinte se sentia viajando com ela. Era impossível à imaginação se recusar a compor as cenas tão maravilhosamente descritas.

### *Inocentes entretenimentos*

Em São Paulo, Da. Gabriela nunca deixava de visitar o Convento da Luz, levando a filha pequena. As freiras abriam um pouco a cortina do locutório para ver a menina, conversar com ela e dar-lhe doces e outros presentes. Lucília ficava muito agradada e, assim como aconteceu com sua mãe, teceram-se entre ela e o convento liames de afeição que perdurariam por toda a vida.

Também marcaram suas idas a São Paulo as visitas que fazia à casa de um parente, no Vale do Anhangabaú. Para quem conhece esse lugar tal como ele é hoje – todo de concreto e asfalto, perfurado por túneis, atravessado por viadutos, coalhado de edifícios, imerso em poluição, ruídos, correria, multidões, tragédias – talvez não seja fácil conceber que, há pouco mais de cem anos, ele guardava ainda ares bucólicos. No meio do vale, por entre a verdejante vegetação, serpeava um piscoso riacho, que acolhia em suas margens grupos de lavadeiras.

O entretenimento predileto da pequena Lucília era o de pescar lambaris nesse riacho. Não era esta, entretanto, sua única distração ao ar livre.

Os passeios da família, em elegantes e confortáveis carruagens conversíveis, do tipo landau, com a capota abaixada nos dias de tempo bom, le-

vavam-na também a distantes recantos da “São Paulinho”, frequentados por pessoas da sociedade, curiosas em verificar o crescimento da capital. Lucília nunca se esquecerá, por exemplo, das idas às obras do Museu do Ipiranga, que lhe deram ocasião de brincar, muito mocinha ainda, junto aos alicerces da famosa e monumental construção.

Para se avaliar até que ponto o modo de viver em São Paulo era tranquilo e pitoresco, houve tempo em que – contava Dona Lucília – de acordo com os caprichos de exótica moda, as damas da sociedade enviavam as criadas, à noite, à Várzea do Carmo, para apanhar vaga-lumes, que iriam enfeitar seus elaborados penteados.

Dentre os fatos ocorridos nessas viagens a São Paulo, destaca-se, por seu inusitado, o que a seguir se narrará.

### *Terra menina temida pelo demônio*

A inocência de Lucília, tão zelosamente conservada, incluía não apenas uma bondade sem par, mas a incompatibilidade com o mal, como nos atesta um episódio dos mais interessantes da sua infância, narrado por um familiar.

Em fins do século XIX estavam em voga, em determinados círculos

da alta sociedade, certas práticas de espiritismo. As pessoas adictas a tal costume reuniam-se em torno de uma mesa para consultar entes do outro mundo. Um dia em que Lucília fora levada em visita à casa de uns parentes, na capital, coincidiu realizar-se ali uma dessas sessões. No salão escolhido para o tenebroso encontro, achava-se ela por acaso, brincando despreocupadamente num dos cantos. Os participantes do ato censurável presenciavam em torno da mesa os inúteis esforços de um famoso médium, a implorar ao espírito que baixasse. Depois de muita insistência, o príncipe das trevas resmungou pela voz do esgotado bruxo:

— Tirem a bobinha da Lucília daqui...

O fato se repetiu várias vezes, noutras circunstâncias. Por sua índole passou ele para a história da família. Ao longo da vida de Dona Lucília, diversas outras manifestações de desagrado dos espíritos infernais se farão presentes. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.60-63



Lúcio César

**As visitas ao Convento da Luz cultivaram na alma da pequena Lucília as sementes de uma inocência que se acrisolaria ao longo da vida**

Convento da Luz, São Paulo; na página anterior, Dona Lucília ainda menina



Isabel Hinojosa

Fotos: Maria Emilia del Pilar

**México** – Missões Marianas realizadas nas cidades de Tuxpan (foto 1), Ojo Caliente e Calvillo (fotos 2 e 3), congregaram junto a Nossa Senhora os coordenadores do Apostolado do Oratório Maria, Rainha dos Corações. A visita da imagem foi também ocasião para a formação de novos grupos do oratório.



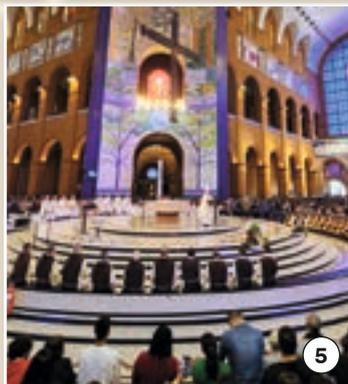
Fotos: Rogério Baldasso

**Itália** – A cidade de Gambarare, na região metropolitana de Veneza, recebeu a visita da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, a qual foi coroada na catedral (foto 1). A imagem percorreu também Cianciana (foto 2) e as localidades de Scaletta Marina e Scaletta Superiore, na Sicília, onde houve visita aos enfermos (foto 3).



Fotos: Eric Salas

**Espanha** – Entre os dias 15 e 18 de junho, cooperadores e simpatizantes dos Arautos do Evangelho de Madri, Valência e Astúrias realizaram uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. Além de participar de diversas atividades no santuário, os peregrinos rezaram a Via-Sacra em Valinhos.



Fotos: Sergio Céspedes

## *Junto à Padroeira e Rainha do Brasil*

**N**os dias 12 e 13 de agosto, fiéis procedentes de diversas latitudes do Brasil dirigiram-se ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, a fim de participar da 12ª Peregrinação do Apostolado do Oratório Maria, Rainha dos Corações, dos Arautos do Evangelho.

Ocasão de muitas graças foram a procissão luminosa (foto 1), a recitação do Rosário na Basílica Velha (foto 2) e

o Terço processional na Passarela da Fé (foto 3). A Missa de encerramento, na Basílica Nova (foto 5), foi presidida por Dom Benedito Beni dos Santos, Bispo Emérito de Lorena (foto 6), e concelebrada por vários sacerdotes, entre os quais o Pe. Ricardo Basso, EP, e o Pe. Antônio Guerra, EP. O coro do seminário maior dos Arautos animou a celebração (foto 4).



Fotos: Nicol Langa

**Moçambique** – Os fiéis da Comunidade Santo Isidoro, em Matola, receberam das mãos do Pe. Santiago Canals, EP, o escapulário de Nossa Senhora do Carmo (foto 1). No mesmo período, crianças de diversos grupos de catequese visitaram a casa dos Arautos nessa cidade (foto 2), onde participaram da Santa Missa.



## **Quatrocentos e sessenta anos da primeira fundação de Santa Teresa**

O Carmelo de São José, fundado por Santa Teresa de Jesus em 1562 na cidade de Ávila, Espanha, completou no dia 24 de agosto quatrocentos e sessenta anos de existência. Para comemorar a data, a diocese abulense organizou uma procissão com a imagem da santa reformadora, conservada na igreja edificada sobre sua casa natal, até o convento. Ali houve o cântico das Vésperas e a celebração da Santa Missa, presidida pelo Cardeal Ricardo Blázquez Pérez, Arcebispo Emérito de Valladolid.

Primeiro dentre os conventos fundados pela Santa, o Carmelo de São José foi construído no século XVII. Santa Teresa ali viveu durante cinco anos, incentivando as religiosas a levarem uma vida de contemplação, oração e penitência, em reparação pelo mal infligido à Igreja em sua época.

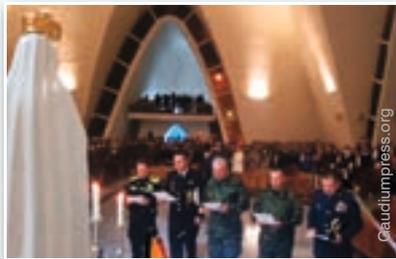
## **Missa diária transforma escola norte-americana**

Desde 2017 os alunos da Escola Paroquial Santo Agostinho, em Kentucky, Estados Unidos, participam quatro vezes por semana da Santa Missa. Às oito horas se inicia a celebração, seguida de um café da manhã oferecido às crianças.

Segundo o Pe. Daniel Schomaker – pároco da Igreja de Santo Agostinho, na Diocese de Covington, e promotor da iniciativa juntamente com a diretora, Kathy Nienaber –, a Missa diária proporciona aos alunos não só for-

mação espiritual, mas também apoio emocional, visto que a maioria deles provém de famílias desfeitas pelo divórcio, pelo vício ou pelo encarceramento. O sacerdote destaca ainda que, independentemente da origem familiar, todos os alunos se beneficiam desse tempo passado junto a Nosso Senhor, mesmo no que diz respeito a seu aproveitamento acadêmico.

Também os pais dos estudantes têm sido favorecidos com as Missas: muitos deles se encontravam afastados dos Sacramentos, mas, vendo o progresso dos filhos, sentiram-se impelidos a voltar a frequentá-los.



## **Diocese castrense da Colômbia se consagra ao Imaculado Coração de Maria**

No dia 15 de agosto, Solenidade da Assunção de Nossa Senhora, a Diocese Castrense da Colômbia consagrou-se, nas pessoas da nova liderança das Forças Armadas e da Polícia Nacional, ao Imaculado Coração de Maria. A cerimônia ocorreu diante da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima que, desde o dia 13 de junho, tem percorrido as diversas dioceses do país. A organização Missão Fátima Colômbia ressalta que esse ato trará muitos e preciosos frutos para a nação colombiana.

## **Pessoas religiosas têm melhor saúde cardíaca**

A revista da Associação Americana do Coração, publicada nos Estados Unidos, divulgou no mês de agosto uma pesquisa realizada pela própria instituição, a qual mostra que os adultos com maior religiosidade e

vida espiritual mais devota apresentam melhor saúde cardíaca.

O estudo analisou três mil adultos afro-americanos, observando oito critérios para medir a saúde cardiovascular: dieta, atividade física, exposição à nicotina, peso, colesterol, pressão arterial, níveis de açúcar e sono. Em todas essas categorias, as pessoas mais religiosas apresentaram melhores resultados, em comparação com aquelas pouco ou nada religiosas.

Esse resultado persistiu mesmo quando se acrescentaram outras variáveis, como fatores sociodemográficos, *stress* crônico e redes de contato social. A religiosidade dos participantes se mediu segundo sua frequência aos serviços religiosos, tempo de oração privada, práticas espirituais ante as adversidades e crença na divindade.

## **Católicos repudiam construção de templo satânico no México**

Os católicos de Veracruz, no México, manifestaram sua indignação e repúdio contra a construção de um templo satânico na cidade, promovida por um bruxo. Eles pedem a intervenção do governo e afirmam que o erguimento de tal edifício só trará morte e destruição para a região.

“O demônio não quer fiéis nem seguidores, mas escravos na vontade, na alma e em tudo”, ressaltou o exorcista espanhol Pe. Francisco Torres Ruiz. E acrescentou: “O diabo não concede favores. Portanto, é um erro pensar que isso terá alguma influência positiva nas pessoas”. Também o Bispo de Veracruz, Dom Carlos Briseño Arch, OAR, expressou seu repúdio, pedindo aos fiéis que não deem espaço algum a essa falsa religião.

## **Encontrado armamento usado na destruição do Templo de Jerusalém**

Pesquisadores da Autoridade de Antiguidades de Israel anunciaram o descobrimento de centenas de pedras de diversos tamanhos, que provavelmente foram utilizadas como projé-

## Centenário da coroação da Virgem de Altagracia

No dia 15 de agosto, milhares de devotos acorreram à Missa de encerramento das comemorações pelo centenário da coroação canônica de Nossa Senhora de Altagracia, padroeira da República Dominicana, realizada no Estádio Olímpico Félix Sánchez de Santo Domingo. Dom Edgar Peña Parra, Substituto para Assuntos Gerais da Secretaria de Estado, presidiu a celebração, da qual participaram autoridades civis e militares.

O quadro de Nossa Senhora de Altagracia, que se venera no santuário da cidade de Higüey, chegou à então ilha La Española no século XVI, trazido da Espanha pelos irmãos Alfonso e Antonio Trejo. Em 1922, durante o pontificado de Pio XI, foi realizada sua coroação canônica.



Membros dos Arautos do Evangelho escoltam o quadro da Virgem de Altagracia durante as comemorações do centenário

Reprodução

teis pelo exército romano comandado por Tito, para a destruição das muralhas de Jerusalém e do Templo no ano 70 d.C.

Valendo-se de recursos informáticos e tendo em conta a topografia local, bem como a localização das muralhas de fortificação da cidade no período do Segundo Templo, o arqueólogo Kfir Arbiv realizou cálculos balísticos que lhe permitiram recriar a batalha e concluir que as pedras foram lançadas de máquinas sofisticadas, à distância de até trezentos metros.

Foram encontradas também pedras menores utilizadas pela infantaria e nas catapultas, além de lanças, espa-

das e pontas de flechas, algumas suficientemente pesadas para perfurar armaduras. Segundo os especialistas, o descobrimento reflete as batalhas extremamente duras que levaram à destruição do Templo de Jerusalém.

### *Igrejas na Suíça são alvo de vandalismo*

Nos meses de julho e agosto, várias igrejas católicas da Suíça foram alvo de uma onda de vandalismo, em particular na região da Basileia.

Em 19 de julho, um indivíduo tentou incendiar uma igreja, a qual teve as janelas apedrejadas na semana seguinte. Outras três foram pichadas

nos dias 3 e 4 de agosto, entre as quais a mais danificada foi a Igreja do Espírito Santo, em Weil am Rhein. As inscrições eram em sua maioria indecifráveis, com exceção de algumas em que se podiam ler palavras como “Jesus”, “Buda” ou “Deus é grande” em árabe. No dia 15 de agosto, Solenidade da Assunção de Nossa Senhora, foi a vez da Igreja de São José. As autoridades policiais acreditam que todos esses atos de vandalismo tenham os mesmos autores.

Nesse período, também a Igreja de Nossa Senhora em Zurique teve seus muros manchados de tinta vermelha e cobertos de inscrições indecorosas.

**GAUDIUM PRESS**  
A PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CATÓLICAS DO BRASIL

Faça a sua assinatura gratuitamente em [GAUDIUMPRESS.ORG](http://GAUDIUMPRESS.ORG)

Acompanhe as principais notícias da Igreja Católica no Brasil, no mundo e no Vaticano

PARA RECEBER NOTÍCIAS EM SEU WHATSAPP REGISTRE NOSSO NÚMERO E ENVIE-NOS UMA MENSAGEM

**+55 11 988051031**

## Correio angélico

Anika serve-se de grande quantidade de alimento, mas só come uma pequena porção. O restante, leva para o quarto... O que estaria ela aprontando?



✦ Gabrielli Ramos de Siqueira

**P**ouco antes de o sol nascer, os passarinhos se põem a cantar, despertando o casal Ziólek para mais um dia de oração e trabalho. A plantação desses dedicados agricultores poloneses promete muito!

Quando os primeiros raios do astro-rei começam a iluminar a pequena casa, o Sr. Estanislau e Da. Weronika acordam os filhos. Michaela e Justina, as irmãs mais velhas, arrumam-se rapidamente e ajudam a mãe no café da manhã; Anika, de doze anos, e Estefano, de dez, auxiliam o pai nos últimos preparativos para a venda de verduras no lugarejo vizinho. Depois do desjejum todos rezam juntos o Santo Rosário, a fim de pedir a proteção de Maria Santíssima.

Terminadas as orações matutinas, o Sr. Estanislau e o caçula sobem na carroça e se dirigem ao povoado. Ali devem passar o dia inteiro, retornando somente à hora do *Angelus* da tarde.

Na fazenda, Da. Weronika e as filhas cuidam das hortaliças com empenho e dedicação. Anika costuma ajudar a mãe a retirar as pragas e ervas daninhas, enquanto Justina e Michaela desempenham sua função favorita: regar a plantação subindo numa alta gangorra, cuja movimentação faz a

água do poço ser transportada por todo o terreno.

Embora estejam bem aplicados às fainas rurais, uma ponta de preocupação atravessa suas almas: a inconsolável falta do primogênito, Maximiliano, que há um ano partiu para defender a pátria na guerra e ainda não enviou notícias. O Sr. Estanislau e Da. Weronika tentaram obter informações sobre a situação do filho, mas em vão. “Como estará sua saúde? Terá sido ferido? Estará passando frio e fome? Quando voltará para casa? Por que não nos escreveu até agora?”, eram essas al-



**O que fazia Anika às noites, antes de dormir? Um pedido cheio de confiança...**

gumas das inúmeras perguntas que surgiam diariamente no coração dos Ziólek.

Apesar dessa tremenda angústia, a família não descuidava em nada o cumprimento do dever. Seguem adiante, confiando em que Nossa Senhora protege continuamente Maximiliano.

Ao findar o laborioso dia, todos se dirigem ao lar para tomar a última refeição, na qual até os mínimos acontecimentos se tornam tema da conversa. O pequeno Estefano conta para a mãe e as irmãs como foi a venda das verduras; Justina e Michaela comentam com o pai o bom crescimento da plantação, graças ao tempo favorável daquele período do ano. Todos conversam e comem, menos uma: Anika.

Faz alguns meses que seus pais notam um comportamento diferente na filha. No jantar, ela se serve de grande quantidade de alimento; porém, come uma porção mínima. Se Da. Weronika pergunta por que não termina, a menina só responde estar satisfeita. E após a prece de ação de graças pela refeição, vai rápido para o quarto com o prato nas mãos.

Naquela noite, acaba de acontecer o mesmo.

— O que estará aprontando nossa irmãzinha? — interroga Michaela.



**De repente, ouvem o pai chegar a toda a pressa: haviam recebido a primeira carta do filho mais velho!**

— Certamente come às escondidas, de madrugada – responde Estefano.

— Não – conclui Justina –, deve haver alguma razão para essa estranha atitude.

Afinal de contas, o que fazia Anika todas as noites?

A piedosa e inocente criança havia montado em seu quarto um altarzinho com uma imagem de Nossa Senhora e uma estampa do Anjo da Guarda. A cada jantar, depois de comer a parte que lhe cabia, ela levava a volumosa sobra ao “oratório” e a depositava aos pés da Virgem, fazendo uma oração: “Minha querida Mãe do Céu, eu aprendi no catecismo que vosso Divino Filho e meu Deus deu a todos os homens um anjélico protetor, para que cuidasse de nosso corpo e de nossa alma. Senhora, Vós sois a única que sabeis em que estado está meu irmão na guerra... Preocupa-me que talvez ele não tenha nada para comer. Sendo assim, peço-Vos: mandai o meu Anjo da Guarda levar esta refeição a Maximiliano no acampamento militar e, sobretudo, cuidai de sua alma! E vós, meu anjélico e fiel amigo, entregai-lhe também minhas orações, todo o meu afeto e um forte abraço! Amém!”

Concluída a súplica, Anika dormia tranquila, pois não duvidava de que seu custódio celestial ia de imediato ao encontro de Maximiliano.

As estações se sucedem, mas nenhuma carta chega à caixa de correio dos Ziólek. O tempo da colheita está por terminar e dali a algumas semanas as novas sementes brotarão. Sendo assim, Da. Weronika passa o dia nos trabalhos domésticos com as três jovens.

De repente, elas escutam chegar a carroça do pai.

— Estanislau, a essa hora e com tanta pressa?... Será que aconteceu alguma coisa? – indaga a esposa a si mesma.

O motivo só podia ser um: depois de tanta demora, afinal recebiam a primeira carta de Maximiliano!

O pai entra com a carta nas mãos. Num piscar de olhos, todos estão reunidos em torno dos progenitores para ouvirem as palavras do primogênito:

“Meus amados pais e irmãos, não sabem de quanta proteção sobrenatural tenho sido objeto, sobretudo nesse período tão difícil! A luta está árdua e a cada dia nos sobrevêm maiores perigos; contudo, em todos esses momentos sinto que as suas orações compram o amparo de Deus para mim. Fui

ferido nos primeiros meses de batalha, mas logo pude voltar ao combate. Continuo a rezar o Rosário, como sempre fazíamos em família, para que Nossa Senhora preserve minha alma. Quanto às necessidades materiais, o Céu mesmo tem me ajudado: todos os dias um rapaz distinto, alto e luminoso me entrega uma deliciosa refeição. O curioso é que o modo como ela está preparada me lembra muito os jantares de mamãe!... Várias vezes lhe perguntei de onde era e por que praticava tal ato de generosidade comigo, mas ele apenas me sorri, sem nada responder. E parte sem deixar rastro. Penso ser ele um Anjo...”

Com essas e outras linhas, o combatente faz a narrativa de suas aventuras. Os seis estão contentíssimos. Cada trecho da missiva lhes produz uma profunda emoção. Nada se compara, porém, ao fato do rapaz que a cada dia leva a refeição para Maximiliano. Ares de mistério se espalham pela sala... Quem seria aquele personagem? Todos se entreolham confusos e só uma fisionomia permanece serena. Com humildade, Anika se recolhe interiormente e agradece ao seu Anjo da Guarda por ter atendido seu pedido. Desse modo pôde ela assistir ao irmão nas gloriosas batalhas por ele travadas. ✧



Ilustrações: Tatiana Villegas

**Todos os dias um rapaz distinto e luminoso entregava a Maximiliano uma deliciosa refeição**

# OS SANTOS DE CADA DIA

## 1. Santa Teresinha do Menino

**Jesus**, virgem e Doutora da Igreja (†1897 Lisieux - França).

**São Bavão**, monge (†c. 659). Homem de vida dissoluta, converteu-se ao ouvir um sermão de Santo Amando. Distribuiu seus bens aos pobres e retirou-se como monge à abadia beneditina de Gante, Bélgica.

## 2. XXVII Domingo do Tempo Comum.

**Santos Anjos da Guarda.**

**Beata Antonina Kratochwil**, virgem e mártir (†1942). Religiosa da Congregação das Irmãs das Escolas de Nossa Senhora. Encarcerada em Stanislawów, atual Ucrânia, morreu em decorrência das torturas a que foi submetida.

## 3. Santos André de Soveral, Ambrósio Francisco Ferro, presbíteros, e companheiros, mártires (†1645 Cunhaú e Uruaçu - Brasil).

**São Cipriano de Toulon**, Bispo (†d. 543). Discípulo de São Cesário de Arles, defendeu em vários sínodos a verdadeira Fé sobre a graça.

## 4. São Francisco de Assis, religioso (†1226 Assis - Itália).

**Beato Francisco Xavier Seelos**, presbítero (†1867). Sacerdote redentorista oriundo da Baviera, exerceu o ministério como missionário nos Estados Unidos.

## 5. São Benedito, o Negro, religioso (†1589 Palermo - Itália).

**Santa Maria Faustina Kowalska**, virgem (†1938 Cracóvia - Polônia).

**Santa Flora**, virgem (†1347). Religiosa da Ordem de São João de Jerusalém. Dedicou-se à assistência aos enfermos no hospital de Beaulieu, França.

## 6. São Bruno, presbítero (†1101 Serra São Bruno - Itália).

**Beato Isidoro de São José De Loor**, religioso (†1916). Irmão leigo passionista, faleceu aos trinta e cinco anos em Courtrai, Bélgica, dando exemplo de aceitação ante os atrozes sofrimentos provocados pela enfermidade que o atingiu.

## 7. Nossa Senhora do Rosário.

**Beato Martinho Cid**, abade (†1152). Fundou o mosteiro de Bellafuente, em Valparaíso, Espanha, e o agregou à Ordem Cisterciense.

## 8. Santa Ragenfreda, abadessa (†séc. VIII). Erigiu com seus próprios bens o mosteiro de Denain, França, do qual foi a primeira superiora.

## 9. XXVIII Domingo do Tempo Comum.

**São Dionísio, Bispo, e companheiros**, mártires (†séc. III Paris).

**São João Leonardi**, presbítero (†1609 Roma).



**São Lucas - Basílica da Santíssima Anunciação, Cortemaggiore (Itália)**

## São Guntero, eremita (†1045).

Abandonando os bens terrenos, abraçou a vida monástica na Ordem Beneditina. Após alguns anos, optou pela vida eremítica, retirando-se nos bosques da Baviera e da Boêmia.

## 10. Beata Ângela Maria

**Truskowska**, virgem (†1899). Nascida em Kalisz, Polônia, fundou a Congregação Franciscana de São Félix de Cantalício.

## 11. São Meinardo, Bispo (†1196).

Monge alemão que, já em avançada idade, partiu para evangelizar a Letônia, onde recebeu a ordenação episcopal.

## 12. Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

**Beato Romão Sitko**, presbítero e mártir (†1942). Reitor do seminário de Tarnów, Polônia, foi preso e atrozmente atormentado no campo de concentração de Auschwitz.

## 13. Beata Alexandrina Maria da

**Costa**, leiga (†1955). Por defender sua castidade, ficou paraplégica aos quatorze anos, em Balasar, Portugal. Viveu confinada no leito o resto da vida, oferecendo-se como vítima pela conversão dos pecadores.

## 14. São Calisto I, Papa e mártir (†c. 222 Roma).

**São Venâncio**, Bispo (†séc. VI). Governou a Diocese de Luni, Itália, onde dedicou especial atenção aos clérigos e monges. Contou com a amizade e estima do Papa São Gregório Magno.

## 15. Santa Teresa de Jesus, virgem e Doutora da Igreja (†1582 Alba de Tormes - Espanha).

**Santa Tecla**, abadessa (†c. 790). Religiosa beneditina

de Wimborne, Inglaterra, enviada à Alemanha para ajudar São Bonifácio.

## 16. XXIX Domingo do Tempo Comum.

**Santa Edwiges**, religiosa (†1243 Trebnitz - Polônia).

**Santa Margarida Maria Alacoque**, virgem (†1690 Paray-le-Monial - França).

**São Geraldo Magela**, religioso (†1755). Irmão coadjutor redentorista, santificou-se exercendo no convento as humildes funções de sacristão, jardineiro, porteiro, enfermeiro e alfaiate.

## 17. Santo Inácio de Antioquia, Bispo e mártir (†107 Roma).

**Beata Tarsila Córdoba**

**Belda**, mártir (†1936). Mãe de família que, durante a Guerra Civil Espanhola, foi fuzilada ao ser descoberta cuidando de religiosas escondidas.

## 18. São Lucas, Evangelista.

**São Pedro de Alcântara**, presbítero (†1562). Religioso franciscano que se destacou por sua vida de austera penitência. Foi conselheiro de Santa Teresa de Jesus na obra reformadora da Ordem Carmelita.

## 19. Santos João de Brébeuf, Isaac Jogues, presbíteros, e companheiros, mártires (†1642-1649 Ossernenon - Canadá).

**São Paulo da Cruz**, presbítero (†1775 Roma).

**Beata Inês de Jesus Galand**, virgem (†1634). Priora do mosteiro dominicano de Langeac, França, ofereceu a Cristo suas preces e sofrimentos pela boa formação dos sacerdotes.

## 20. Santo André Calibita, mártir (†767). Monge cretense



**Beata Inês de Jesus Galand - Mosteiro de Santa Catarina de Siena, Langeac (França)**

encarcerado e morto pela fúria dos iconoclastas.

## 21. São Viador, leitor (†d. 481). Discípulo e ministro de São Justo, Bispo de Lyon, seguiu-o ao Egito para entregar-se à vida de solidão e penitência no deserto.

## 22. Santas Nunilo e Alódia, virgens e mártires (†851). Filhas de um muçulmano e educadas pela mãe na doutrina cristã, recusaram-se a abandonar a Fé em Cristo e foram decapitadas em Huesca, Espanha.

## 23. XXX Domingo do Tempo Comum.

**São João de Capistrano**, presbítero (†1456 Ilok - Croácia).

**São Severino Boécio**, mártir (†524). Senador e cônsul romano, famoso pela sua ampla obra filosófica e teológica, foi martirizado pelo rei ostrogodo Teodorico, em Pavia, Itália.

## 24. Santo Antônio Maria Claret, Bispo (†1870 Fontfroide - França).

**São Luís Guanella**, presbítero (†1915). Fundou em Como, Itália, a Congregação dos Servos da

Caridade e a das Filhas de Santa Maria da Providência.

## 25. Santo Antônio de Sant'Ana Galvão, presbítero (†1822 São Paulo).

**São Fruto**, eremita (†c. 715). Distribuiu seus bens aos pobres e passou a levar vida eremítica num íngreme penhasco perto de Segóvia, Espanha.

## 26. Beata Celina Chludzinska Borzecka, religiosa (†1913). Fundou em Roma a Congregação das Irmãs da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

## 27. Beato Salvador Mollar Ventura, mártir (†1936). Religioso franciscano martirizado durante a Guerra Civil Espanhola.

## 28. São Simão e São Judas Tadeu, Apóstolos.

**São Germano**, abade (†séc. XI). Fundou e dirigiu a abadia de Talloires, em Annecy, França.

## 29. Santo Abraão, anacoreta (†366). Nascido no seio de uma rica família de Edessa, Síria, fez-se eremita numa estreita cela. Seu Bispo o ordenou sacerdote e enviou-o a evangelizar a região, mas, assim que pôde, retornou à vida de anacoreta.

## 30. XXXI Domingo do Tempo Comum.

**Beato Aleixo Zaryckyj**, presbítero e mártir (†1963). Sacerdote da Arquieparquia Ucrâniana preso no campo de concentração de Dolinka, Cazaquistão, onde morreu.

## 31. Beato Tomás de Florença Bellaci, religioso (†1447). Arrependendo-se de sua juventude dissoluta, ingressou como irmão leigo na Ordem dos Frades Menores.

# Mais vale o conjunto

Sozinho, nós o desprezariamos; afinal de contas, existem flores mais perfumadas e formosas. Tendo, porém, uma plêiade deles diante de nossos olhos, esquecemos sua aparente insignificância.



↳ **Letícia Regina Ferratto Ojeda**

**C**aríssimo leitor, permita-me transmitir algo que recentemente me chamou a atenção. Enquanto rezava o Rosário caminhando pelo jardim da minha comunidade, deparei-me com um belo arbusto florido. Tratava-se de um hibisco, cientificamente chamado *Hibiscus rosa-sinensis*, o qual evoca um especial aspecto de Deus: o esplendor da harmonia.

Com efeito, na natureza podemos encontrar uma variedade incontável de flores, de diversas cores, formas, tamanhos, perfumes... Cada qual possui um encanto peculiar e, apesar de apresentarem características tão diferentes, elas se completam e se conciliam.

Enquanto algumas atraem por sua singularidade e distinção, como a orquídea, ou ainda pela marcante presença, como o girassol, ou quiçá por sua delicadeza, como o lírio, o hibisco, por sua vez, revela todo o seu charme pela simplicidade.

Vista sozinha, tal flor tem, sem dúvida, sua beleza: a gradação de tonalidade e o formato das pétalas são proporcionados e delicados. Entretanto, quando nos deparamos com um arbusto repleto de hibiscos de cores e tamanhos vários, sua pulcritude reveste-se de uma graça especial, que se encontra justamente nessa variedade de toda harmônica.

A graciosidade do hibisco tanto mais reluzirá quanto maior for o

número de flores. Parece que o Divino Artífice quis que a “missão” dessa singela planta se cumpra em plenitude somente em união com suas “irmãs”. Embora não tenha a exuberância de outras espécies, ela marca o princípio de que mais vale a beleza do conjunto que da unidade. De fato, aquilo que no universo parece não ter importância, muitas vezes torna-se valioso se considerado em função da totalidade da criação.

Essa análise levou-me a considerações mais profundas, que desejo compartilhar com o leitor.

Deus imprimiu um reflexo de suas infinitas perfeições em todos os seres criados, mas o fez com hierarquia, de modo que alguns são mais dotados do





“*Hibiscus rosa-sinensis*” em diversas cores

que outros, seja no campo estético, intelectual ou prático. Assim, pode surgir em nosso espírito a inclinação de desprezar certas criaturas, simplesmente por haver outras mais interessantes e úteis...

Ora, lemos nas Sagradas Escrituras que a cada etapa da criação o Senhor considerou o que realizara e “viu que isso era bom” (Gn 1, 10); contudo, no sexto dia Ele “contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom” (Gn 1, 31). Ou seja, cada ser analisado individualmente era bom, mas o conjunto era ótimo.

No caso do hibisco, nós o desprezáriamos se o considerássemos sozinho; afinal de contas, existem flores mais perfumadas e formosas. Observando

somente um exemplar, encontraríamos até alguns defeitos: uma pétala um pouco murcha, outra defeituosa, uma terceira danificada por algum inseto que ali passara... Entretanto, se temos diante de nossos olhos uma plêiade deles, então esquecemos suas limitações.

Eis a conclusão daquela reflexão inesperada no jardim: certamente todos temos mazelas e debilidades, como também é evidente que existem pessoas superiores a outras. Não convém, contudo, atentar apenas para cada indivíduo, mas viver em função do conjunto.

A que conjunto me refiro? À Santa Igreja Católica, da qual todos os batizados fazem parte.

No convívio entre os filhos dessa augustíssima Mãe, um deve ver no outro a vocação à santidade e as sublimidades dessa sagrada instituição que seu irmão reflete, numa visão panorâmica que nos permitirá apreciar os horizontes vastíssimos de nossa Fé.

Façamos então o propósito: compreendamos que paira sobre cada pessoa um chamado incomparavelmente mais valioso do que desprezíveis são as fraquezas que ela possa ter; e jamais deitemos nosso olhar em aspectos secundários, mas o fixemos na grandeza de nossa Religião, reconhecendo o convite a sermos todos santos, e santos que marcarão a História. ✧



## *Prelúdio dos dons de Deus*

*P*ara a alma que confia na Providência, as grandes esperas são o prelúdio dos grandes dons de Deus, o prenúncio da realização das grandes promessas que lhe fez o Altíssimo. Disso nos é exemplo o patriarca Abraão: quando já centenário, Deus lhe prometeu uma descendência incontável, da qual brotaria o Messias.

*Nasce-lhe um filho, e o Senhor determina que o sacrifique. Abraão confia. E na hora do seu supremo heroísmo, depois de tão longa espera, recebe afinal a certeza do juramento divino: “Multiplicarei a tua posteridade como as estrelas do céu e como as areias na praia do mar” (Gn 22, 17).*

*Plínio Corrêa de Oliveira*

Abraão e Isaac -  
Coleção particular

